



**O ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR:
possibilidades de intervenção
na prática pedagógica**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo,
ES, Brasil)

Magalhães, Ueder Moreira.

M189e O ensino do voleibol escolar : possibilidades de intervenção na prática pedagógica /
Ueder Moreira Magalhães, Supervisão geral Ubirajara de Oliveira. – 2020.

83 f. : il.

Produto Técnico (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-PROEF)
– Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos ;
[coordenação] Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Modo de acesso: <<http://www.educacaofisica.ufes.br/ptbr/produto-tecnico-educacional>>

1. 1. Educação física (Ensino médio). 2. Metodologia. 3.

Voleibol. 4. Jogos. I. Oliveira, Ubirajara de. II. Universidade

Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. IV. Título.

CDU: 796

Mestrado Profissional
Educação Física em Rede Nacional



Universidade Federal
do Espírito Santo

Prezado (a) professor (a),

Meu nome é Ueder e é com muito prazer que apresentamos a você este guia de iniciação ao voleibol. Por meio dele, ficará mais fácil iniciar uma jornada de ensino-aprendizagem do conteúdo de voleibol na escola, baseando-se em metodologias que funcionaram comigo e meus estudantes. Com este material, você terá subsídio para trabalhar o ensino de alguns elementos da cultura corporal de movimento da Educação Física, neste caso, o esporte voleibol.

Eu também sou professor. Atualmente, atuo no Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa, em Teixeira de Freitas, no Extremo Sul da Bahia. Leciono o componente curricular da área de Linguagens, Educação Física, para turmas do segundo ano do Ensino Médio. Também trabalhei na rede municipal de ensino desde 2002, do 6º ao 9º ano no Ensino Fundamental, durante 16 anos e na rede particular por oito anos. Completando o ciclo, atuei no corpo docente do curso de Educação Física da Faculdade Pitágoras e na Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) como tutor de diversas disciplinas. Portanto, conheço de perto a realidade do Ensino de Educação Física e o quanto precisamos de constante aperfeiçoamento para tornar as aulas cada vez mais efetivas e interessantes.

Cursei Educação Física (licenciatura e bacharelado) pela Faculdade, possuo especialização em Educação Física Escolar: ênfase em aventura e ludicidade pela Faculdade Estácio de Sá (Vitória-ES) e em Fisiologia do Exercício, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente curso Mestrado em Educação Física, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – PROEF – Polo UFES.

Espero que este material seja muito folheado e discutido durante o planejamento das aulas de voleibol na escola e que faça bom uso das contribuições que deixo, por meio das atividades práticas, princípios teóricos, indicações bibliográficas e relatos sobre como foi a minha experiência ao trabalhar voleibol utilizando as estratégias descritas neste guia.

Cordialmente, Ueder Moreira Magalhães.

Teixeira de Freitas-Ba, Outubro de 2020.



REALIZAÇÃO

Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desportos - CEFD
Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional
em Educação Física em Rede Nacional - PROEF

SUPERVISÃO GERAL

Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira

REALIZAÇÃO

Ueder Moreira Magalhães

IMAGENS

Fotos produzidas da prática pedagógica do professor pesquisador, devidamente autorizadas pelos(as) responsáveis.

FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
(CAPES)

REVISÃO TEXTUAL

Dra. Juliana dos Santos Ferreira

SUMÁRIO

CDU: 796.....	2
1INTRODUÇÃO.....	8
1.1 A Educação Física Escolar em Teixeira de Freitas	14
2 O ESPORTE	18
2.1 O contexto esportivo.....	18
2.2 Educação Física Escolar e o voleibol.....	19
2.3 Métodos de ensino dos esportes coletivos	23
1 UNIDADE DE ENSINO I - Diagnóstico	37
1.1 Diagnóstico prático – atividade 1	37
1.2 Análise dos vídeos da atividade diagnóstica 1	38
2 UNIDADE DE ENSINO II – Intervenções	41
2.1 Voleibol gigante – atividade 2.....	41
5.2 Aula teórica sobre regras básicas do voleibol – atividade 3.....	45
2.2 Vídeo sobre os fundamentos técnicos do voleibol – atividade 4.....	45
2.3 Mini voleibol – atividade 5.....	46
2.4 Minivoleibol – atividade 6.....	48
2.5 Jogo “Controle” – atividade 7	51
2.6 Jogo “1,2,3,4 cortada!” – atividade 8	52
2.7 Voleibol reduzido Atividade 9	53
UNIDADE DE ENSINO III – Trabalho de Campo.....	58
2.8 O trabalho de campo desenvolvidos pelos estudantes.....	58
3 SUGESTÕES	70
3.1 Sugestão de regras a serem abordadas.....	70
3.2 Sugestão de atividade escrita	74
3.3 Sugestão de atividade 2.....	75
3.4 Sugestão de atividade 3.....	76
REFERÊNCIAS	79

1INTRODUÇÃO

Ao longo dos meus 18 anos de experiência na docência escolar, no Ensino Fundamental II e Médio, percebi que, dentre os conteúdos da cultura corporal de movimento que fazem parte da área de conhecimento da Educação Física, os referentes aos esportes são predominantes nas aulas de Educação Física na escola. Posso destacar as práticas de futsal, handebol, voleibol e basquetebol como sendo muito comuns. Mas, nem todos os professores abordam esses conteúdos. Um exemplo disso foi durante minha formação básica. Já que não foi ofertado à turma o conteúdo de voleibol e basquetebol nas aulas de Educação Física, aprendemos apenas o futsal e o handebol em todo Ensino Fundamental e Médio. Mesmo assim, atualmente, com a visão crítica de um profissional da área, observo que foi uma prática dissociada do conhecimento da modalidade, ofertada em turno oposto. Os meninos separados das meninas e as aulas eram no modelo de treinamento, como nas escolinhas de esporte, organizados por gênero, com horários diferentes. A rotina era de exercícios, de alongamentos e da prática do esporte em si. As equipes que ganhavam continuavam na disputa e as que perdiam cediam lugar para outra equipe.

BARROSO e DARIDO (2013) defendem que o esporte é um importante conteúdo das aulas de Educação Física, sendo, na época do governo militar, praticamente o conteúdo exclusivo da disciplina. Nesse período, as aulas de Educação Física tinham o objetivo de desenvolver o rendimento físico, o treinamento de gestos esportivos, a detecção de talentos, dando prioridade aos alunos com maiores habilidades motores, deixando, em segundo plano, aqueles que não apresentavam tais características.

Não podemos negar que o espaço e a importância adquiridos pelo esporte em nossa sociedade são cada vez maiores e mais evidentes. Isso é comprovado pelo destaque concebido pela mídia (DARIDO e RANGEL 2011). Sobre isso, Borges (2015) concorda que, nos dias atuais, a mídia abre espaço para as modalidades esportivas coletivas, para os canais especializados em conteúdo esportivo, logo, o índice de popularidade desses esportes cresce de forma significativa em relação às décadas passadas.

Dentre esses esportes, o voleibol tem ganhado muito espaço na mídia brasileira, com as conquistas de títulos importantes da nossa seleção ao longo de décadas. O voleibol como conteúdo é constituído de conceitos, fatos, histórias,

memórias, vivência de seus fundamentos, técnicas e táticas, assim como, de valores construídos e transformados desde sua criação e que, portanto, configuram-se como questões importantes a serem transmitidas nas aulas de Educação Física escolar (DARIDO; RANGEL, 2005).

Eu, todavia, não pratiquei voleibol na escola. Junto com os amigos, amarrávamos uma corda que atravessava de um poste de energia até o outro lado da rua. Fazíamos as linhas do que seria a quadra com cacos de telhas no chão de cimento e brincávamos de voleibol nas ruas de Ibirapuã-Ba, cidade do interior, atualmente com 8.690 habitantes¹. Toda vez que passava um carro, o jogo era paralisado para desamarrarmos ou levantarmos a corda para o carro prosseguir. Como era cidade pequena, o movimento de carros era bem pouco e dava para jogar bastante. Atualmente, isso não seria mais possível devido à mudança no trânsito e o aumento substancial de veículos que trafegam pela cidade.

Percebo que, em muitas escolas pelo Brasil afora, os estudantes aprendem nas escolas, nas aulas de Educação Física, o que o professor da disciplina gosta, e não aquilo que deveriam aprender, ou seja, a multiplicidade de elementos da Cultura Corporal de Movimento. Muitas vezes devido ao professor estar envolvido com uma modalidade específica durante muitos anos de sua vida, ou por falta de domínio em outros elementos da cultura corporal, acabam por priorizar determinadas modalidades em detrimento de outros conteúdos.

Quando iniciei a minha prática docente em 2002, a escola de Ensino Fundamental na qual lecionava não tinha quadra. Era preciso levar os alunos para fora do colégio e utilizar a trave do campo de futebol como rede, adaptando o voleibol ali mesmo como era possível. Uma parte dos alunos ficava em um lado da trave e outra parte ficava no lado oposto. As linhas eram feitas arrastando-se o pé no chão de terra. Essa foi a melhor experiência com a modalidade de voleibol que consegui obter nessa escola.

Em outro momento, lembro que subi no muro dessa escola, dividi a turma em dois grupos, um ficava de um lado do muro, dentro da escola, o outro grupo ficava fora da escola, do outro lado do muro. Assim, os alunos praticavam uma espécie de voleibol no “escuro”. Eu, em cima do muro, sentado, fazia a mediação dos pontos.

¹Cf. IBGE, 2020. Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ibirapua/panorama>>.

Alguns anos mais tarde, em 2005, iniciei o trabalho em uma escola da rede particular com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Na escola, havia quadra poliesportiva coberta e pude aplicar a iniciação ao voleibol com regras adaptadas, com rede e bolas das mais variadas para um trabalho bem mais satisfatório que o anterior.

Durante a minha graduação em Educação Física, entre os anos de 2006 e 2008, havia uma disciplina de esporte coletivo, Metodologia do Ensino do Voleibol e Basquetebol. Essa junção dos esportes em um semestre contribuiu negativamente para que a quantidade de conhecimentos sobre o voleibol fosse bem insuficiente, ficando muito tema importante sem ser abordado, nem no voleibol, nem no basquetebol, devido à carga horária ser dividida para essas duas modalidades.

Em 2012, iniciei a docência no Ensino Médio, onde, através de uma sondagem e por meio de experimentação da prática, foi perceptível que os estudantes estavam chegando ao final da Educação Básica com mínimos conhecimentos acerca dos esportes coletivos, visto que o futsal e a queimada foram os conteúdos predominantes durante as séries finais do Ensino Fundamental da maioria dos estudantes que chegaram até mim.

Também em 2012, iniciei minha trajetória no Ensino Superior, no curso de Educação Física de uma faculdade particular em Teixeira de Freitas. Logo nos primeiros dias de aula, em atividades diagnósticas, percebi entre os graduandos provenientes de cidades vizinhas do extremo sul baiano e até mesmo da própria cidade, que eles também não tiveram conhecimentos adequados e suficientes sobre os esportes coletivos enquanto estudantes de Educação Básica. Então, o que está acontecendo com o ensino dos esportes coletivos nas escolas? Muitos estudantes relataram que o professor simplesmente entregava a bola, deixando-os livres para escolher o que queriam fazer, sem oferecer o direcionamento adequado.

Nesse contexto, outra situação relatada é que as meninas sempre jogavam separadas dos meninos nas atividades realizadas; meninos jogavam futsal e meninas jogavam queimada ou baleado². Dessa forma, quando elas chegavam ao Ensino Médio tinham receio de participar de esportes de contato junto com os meninos, com medo de se machucarem ou até mesmo de não serem vistas, não receberem a bola, serem criticadas, etc.

² *Baleado* é um tipo de queimada regional.

O ensino do voleibol na escola deve ser ampliado para que o estudante compreenda, aproprie-se e tenha autonomia para praticar esta e outras modalidades, tanto nas aulas de Educação Física, quanto fora do ambiente escolar, se assim desejar.

Entende-se atualmente que o voleibol, como elemento constituinte da cultura corporal, deve ser desenvolvido na escola por meio de uma perspectiva renovadora, ou seja, que ultrapasse o ensino tradicional, pautado especialmente na prática dos gestos técnicos das modalidades, ampliando seu ensino por meio de outros elementos como: aspectos históricos, fatos e conceitos relevantes; a compreensão da dinâmica da modalidade, elementos táticos; valores e atitudes. (IMPOLCETO, 2016, p. 2).

Com base nos relatos dos alunos e as ideias defendidas por Impolceto (2016), o esporte vem sendo desenvolvido nas aulas de Educação Física de maneira inapropriada, pois não tem contribuído para que seja praticado com autonomia pelos estudantes dentro e fora do espaço escolar.

Em um trabalho de análise do esporte dentro da escola, Paes (2002 *apud* Barroso e Darido 2013) destaca alguns problemas de sua aplicação, que prejudicam o desenvolvimento do conteúdo nas aulas de Educação Física, sendo eles: a prática “esportivizada” sem uma definição dos objetivos do ambiente escolar; a prática repetitiva de gestos técnicos, tratando-se da realização dos mesmos exercícios em diversas séries do ensino; a fragmentação de conteúdos, relacionada à falta de organização, estruturação e continuidade do conteúdo a ser trabalhado. Mesmo com o passar dos anos e com os avanços nos estudos da pedagogia do esporte, essa velha prática ainda é muito adotada nas escolas brasileiras.

Percebo também que os estudantes não estão sendo apreciadores de esporte, seja como telespectadores, seja como torcedores que frequentam estágios e ginásios. Vejo a falta de interesse nos próprios jogos interclasses das escolas em que trabalhei ou nos jogos intercolegiais dos quais participei ao longo desses 18 anos de atuação. Quando os alunos são dispensados das aulas para torcerem pela equipe da escola, normalmente, poucos alunos comparecem aos locais de jogos. Alguns só vão para assinar a frequência, quando os professores dizem que serão cobrados por isso.

De acordo com Impolceto (2016), o voleibol deve ser vivenciado e compreendido pelo aluno, para que, de forma autônoma, ele tenha condições de transformar e usufruir dessa prática em benefício da saúde, do lazer, da estética, como meio de

comunicação e expressão e também, se desejar, participar do alto rendimento fora do contexto escolar.

Segundo esse mesmo autor, o conhecimento adquirido nas aulas de Educação Física permite que o aluno tenha condições de apreciar a modalidade como telespectador ou torcedor, porém é necessário uma ressignificação da prática esportiva no ambiente escolar, para que os estudantes compreendam esse fenômeno esportivo como um todo e não apenas de uma forma fragmentada. Consideramos ainda que os conhecimentos adquiridos e vivências experimentadas nas aulas de Educação Física despertem a reflexão sobre valores e atitudes no sentido de contribuir para a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

O voleibol, pelo fato de ser um esporte classificado como esporte com rede divisória ou parede de rebote, segundo Bracht e González (2012), sem que os alunos tenham contato com time adversário, com espaços delimitados, baixo risco de lesões, favorece que meninos e meninas joguem juntos em coletividade. Somado a isso, como o mesmo estudante não pode dar dois toques consecutivos na bola, ele é obrigado a passá-la para alguém que preferencialmente vai realizar um ataque. Outro detalhe é a dinâmica do rodízio no voleibol que permite cada participante experimentar o jogo em todas as posições.

Ainda com base na reflexão feita durante a minha experiência docente, dentre os esportes coletivos mais praticados no ambiente escolar, os estudantes normalmente demonstram grande interesse em aprender e/ou a jogar três deles: futsal, handebol e basquetebol. Agindo de maneira intuitiva, com base no conhecimento de mundo, ou até mesmo porque já viram alguma partida na televisão, é bem provável que, se deixarmos uma bola com os estudantes dentro de uma quadra, o jogo aconteça, mesmo que cometam algumas infrações. No entanto, na prática do voleibol, isso é mais difícil de ocorrer.

Ginciene e Impolcetto (2019) citam que uma das diferenças desses esportes é que, nos esportes de rede divisória, é preciso um mínimo de habilidade técnica para que o jogo aconteça, já nos esportes de invasão, não precisa ser habilidoso. O voleibol é um jogo técnico, onde os erros geram pontos e as constantes paralisações impedem que aconteça o *rally*¹. Por essa razão, é necessário que os participantes tenham a vivência dos movimentos necessários para jogar e uma prática inserida em seus cotidianos.

Sobre isso, Ginciene e Impolcetto (2019) relatam que o voleibol é uma modalidade de complexo aprendizado. Um dos motivos dessa dificuldade consiste nas habilidades não “naturais”, reforçando que a habilidade de “volear”, predominante no voleibol, é uma habilidade pouco estimulada na Educação Física escolar. A partir da reflexão sobre o ensino de voleibol na escola, observamos que os seus movimentos não são inatos ao ser humano.

A atenção dada pelos professores de Educação Física às aulas é insuficiente, reservando pouco ou nenhum espaço para a prática e conhecimento do voleibol, um esporte complexo e extremamente dinâmico, pois cada erro gera um ponto para o time adversário e a paralisação do jogo ocorre a todo o momento. Quanto às regras, no voleibol, não é permitido segurar a bola e o participante precisa escolher em uma fração de segundo qual decisão deve tomar. No basquetebol e no handebol, por exemplo, é permitido segurar a bola por alguns segundos, o que garante ao jogador mais tempo para raciocinar e avaliar a melhor atitude durante o jogo.

No mesmo sentido, Bizzocchi (2004) concorda que o voleibol é considerado uma modalidade esportiva de complexo aprendizado. Além disso, outra diferença em relação aos esportes escolares tradicionais está no fato de que, no voleibol se defende e se busca um alvo horizontal, que é o próprio chão, enquanto no futsal, no handebol e no basquetebol, o alvo está na vertical, tanto para atacar, quanto para defender o time adversário.

De fato, há diversas barreiras no ensino de voleibol. Além da complexidade do esporte em si, existe ainda a baixa quantidade e/ou péssima qualidade dos materiais disponíveis em algumas escolas, onde as bolas são um tanto duras para os alunos iniciantes. Alguns machucam os antebraços pelas sucessivas batidas da bola durante o movimento de manchete. Além disso, o número de bolas é insuficiente para atender a quantidade de alunos, o que compromete o sucesso do trabalho pedagógico.

Dessa maneira, a partir da reflexão da narrativa da minha experiência docente, e das contribuições de métodos já consolidados na área do Ensino de Educação Física, pretendo estabelecer um diálogo entre esses métodos, destacando os pontos relevantes, para solucionar a questão da prática do voleibol na sala de aula na minha realidade escolar. Além disso, pretendo propor uma metodologia de modo a contribuir para o ensino do voleibol nas escolas de maneira geral, demonstrando a utilização dessa metodologia no segundo ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa, Teixeira de Freiras, BA, ao mesmo tempo em que provoço

reflexões frente à teoria revisitada, para então apresentar os resultados que obtivemos com essa maneira de se ensinar voleibol na escola pública a partir dos recursos locais.

1.1 A Educação Física Escolar em Teixeira de Freitas

Em Teixeira de Freitas, não existe a disciplina de Educação Física na Educação Infantil e nem nas séries iniciais do Ensino Fundamental das escolas públicas da cidade. Isso é um agravante para a futura aprendizagem do voleibol, pois até o 5º ano da Educação Básica, os estudantes não aprenderam adequadamente as habilidades motoras básicas e muito menos as específicas necessárias para uma harmoniosa aprendizagem do voleibol posteriormente. E, se somado a isso, se do 6º ao 9º ano, o estudante também não tiver vivenciado a prática de voleibol, estará instalado o “caos motor” em turmas inteiras.

Como aponta Sullivan e Andersen (2004), estudos sugerem que algumas habilidades motoras não serão bem desenvolvidas a menos que sejam treinadas durante a época apropriada na infância. Ainda sobre esse assunto, Greco e Brenda (1998), apontam que dos seis aos doze anos é a fase mais rica dentro do processo de formação esportiva, pois, nessa fase, a criança encontra-se em refinamento progressivo. Devido a não existência da Educação Física nas escolas municipais na maior parte dessa faixa etária, os estudantes chegam ao Ensino Médio com um baixo repertório motor e com as capacidades coordenativas desenvolvidas de forma precária.

Weineck (1999) demonstra que a prontidão de capacidades coordenativas ocorre aproximadamente aos 12 anos, porque córtex e cerebelo, órgãos responsáveis por elas, estão, neste momento, em suas fases principais de desenvolvimento. Ele afirma que, após essa etapa da vida, muito pouco se pode fazer para a melhoria das capacidades coordenativas. Ramos (2000) demonstra que nesta idade (12 anos), o sistema nervoso já possui de 90 a 95% de sua formação final, de modo que aspectos coordenativos não adquiridos até então, dificilmente, ocorrerão mais tarde.

São vários os estudiosos que, como Schmidt & Wristberg (2001), abordam a teoria da transferência da aprendizagem afirmando que, quanto maior a quantidade de movimentos que o indivíduo tiver armazenado em seu acervo motor, maiores as

chances de haver uma identificação positiva para efeito de aprendizagem de uma nova habilidade motora.

Uma única modalidade não pode sozinha desenvolver todas as capacidades coordenativas. Somente diversas modalidades esportivas garantem um desenvolvimento básico geral das capacidades coordenativas. Por esta razão deve-se adotar na infância uma formação poliesportiva, para que corresponda a estas expectativas. (Weineck, 1999, p. 554).

Isso reforça a importância de haver professores de Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Essa ausência pode estar contribuindo para que as habilidades motoras dos estudantes em Teixeira de Freitas que chegam ao Ensino Médio estejam tão precárias. Além disso, é comum um preconceito muito forte, por parte dos meninos, que às vezes falam que voleibol não é “esporte de homem”, ofendendo alguns alunos e alunas. Por esse motivo, muitas vezes não se sentem motivados a aprender e decidem não participar das aulas.

Apesar disso, a popularidade do jogo de voleibol tem crescido nos últimos anos no contexto brasileiro. Na escola em que leciono atualmente tem sido uma modalidade muito praticada nos intervalos das aulas. Há uma quadra de voleibol de areia em frente ao auditório e é comum os alunos jogarem no tempo livre, seja durante aulas vagas, nos intervalos dos turnos ou durante o recreio.

A vertente que se preocupa com o estudo sistemático dos aspectos educacionais, dos processos de ensino e aprendizagem e da prática pedagógica relacionada ao esporte é conhecida como Pedagogia do Esporte (DARIDO e RUFINO 2012). Os objetivos da Pedagogia do Esporte estão centrados na pessoa e na sua relação com o ambiente esportivo, apontando princípios norteadores pedagógicos, tais como, organizar, planejar, propor, sistematizar, executar e transformar métodos de ensino para que auxiliem no desenvolvimento integral do ser humano. (LIRA et al. 2015).

Minha discussão neste trabalho aborda também a dimensão dos espaços escolares para a prática do voleibol. O professor, quando chega à escola e vê a quadra pintada e demarcada de tal maneira, acaba se conformando com as práticas que ali estão “pré-determinadas”, o que condiciona de alguma forma as suas possibilidades de trabalho. Conforme aponta Bracht (2003), a arquitetura escolar privilegia a

estruturação de espaços normatizados, fixos, monofuncionais em detrimento de espaços móveis, flexíveis e multifuncionais.

Atuando na rede estadual de ensino da Bahia, na cidade de Teixeira de Freitas, Extremo Sul, no Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa, com estudantes do Ensino Médio, tenho percebido que as salas de aula estão superlotadas, tendo em média 40 alunos por turma.

Partindo dessa realidade, como ensinar o voleibol para 40 alunos do Ensino Médio, sendo que apenas 12 jogam por vez? O que fazer com a grande maioria da turma que fica do lado de fora esperando? Como traçar estratégias para que todos ou a grande maioria esteja praticando voleibol e consiga jogar efetivamente? Quais caminhos e metodologias utilizar para que o ensino/aprendizagem dos alunos possa ser otimizado bem como a participação deles?

Dessa forma, o objetivo principal desta pesquisa é desenvolver uma proposta de ensino de voleibol em turmas do 2º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa. Os objetivos específicos consistem em a) identificar lacunas nos métodos existentes e levantar contribuições a partir de aplicações práticas de alguns métodos nas aulas de Educação Física; b) analisar benefícios da prática sistematizada do voleibol no âmbito escolar e na comunidade local e finalmente, c) construir um guia de ensino do voleibol escolar de apoio para os professores e estudantes de Educação Física.

Borges (2015) defende que ensinar exige certa organização, experiência prática, teoria, técnicas, arte, opções por determinados caminhos, enfim, exige método. Ele ainda sinaliza que o método de ensino é a ação do professor ao dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, pois quando utiliza intencionalmente um conjunto de ações e condições externas procedimentais, visa a um melhor entendimento do aluno.

Por esse motivo, nessa mesma linha, aqueles alunos que se interessam mais pelo voleibol podem fazer parte do projeto de esportes do colégio, que funciona em turno oposto duas vezes por semana. E após alguns meses de prática no projeto, os que mais se destacam, normalmente, são convidados, para, junto com o professor, oferecerem oficinas de voleibol como monitores para os alunos de série anteriores, abordando elementos, tais como, técnica, tática, regras do voleibol, o fenômeno esportivo no cenário mundial, compartilhando o conhecimento na prática da monitoria.

Este estudo é relevante para os professores e estudantes de Educação Física porque aponta possíveis estratégias para a aprendizagem do voleibol no Ensino Médio, por meio de um processo de ensino/aprendizagem satisfatório. Esta pesquisa estimula que a aprendizagem dos alunos não fique restrita apenas à escola. Uma vez que aprendam a jogar o voleibol podem, nos seus momentos de lazer, na praia, nos bairros, praticar o voleibol de forma recreativa como meio de estarem fisicamente ativos, buscando manter ou elevar os níveis de saúde e socialização.

2 O ESPORTE

2.1 O contexto esportivo

Os esportes estão presentes em nosso cotidiano. Entramos em contato com eles por meio da transmissão de jogos pela televisão, programas esportivos, jornais, rádio, ou mesmo em praças e clubes esportivos, onde inúmeras pessoas praticam diferentes modalidades.

Tubino (2002) explica o esporte a partir de três manifestações: o esporte-educação, que tem caráter formativo; o esporte-rendimento, busca o rendimento dentro de uma obediência rígida às regras e aos códigos existentes para cada modalidade esportiva; o esporte-participação, cujas finalidades são o bem-estar e a participação do praticante. Isso nos leva a refletir que, para desenvolvermos o esporte, temos que inicialmente verificar em qual situação ele ocorre, quais os participantes contemplados, para, então, definir as estratégias e objetivos a serem atingidos.

Em cada local, o esporte terá significados distintos. Quando o esporte é desenvolvido em uma praça esportiva, pode ser caracterizado como um componente do lazer. Por outro lado, ao tratarmos da modalidade voleibol na liga nacional, por exemplo, configura-se como característica de alto rendimento, sendo direcionado para o profissionalismo.

Segundo Paes (2006), o processo de educação acontece em diferentes locais, não se restringindo à escola. De acordo com o autor, podemos identificá-lo em três ambientes de ensino: o formal, ocorre em instituições com fins especificamente educacionais, ou seja, a escola; o não formal, acontece em clubes, projetos extracurriculares em escolas, em locais de administração pública, com organização e sistematização do trabalho; e o informal, realizado pelos pais e demais parentes, contatos com amigos, leitura de jornais, programas de televisão.

É com o foco no esporte na escola que tenho o intuito de direcionar este estudo. Ora, se o esporte está presente na vida dos indivíduos, e, conseqüentemente, na escola, a sua presença tem como objetivo contribuir para a formação do cidadão, para atuar na sociedade à qual pertence.

2.2 Educação Física Escolar e o voleibol

Tratar o esporte na escola sem reflexão por parte do professor pode ocasionar problemas como exclusão dos estudantes menos habilidosos, desinteresse pela prática esportiva, especialização precoce, entre outros problemas. De acordo com Ginciene e Impolcetto (2019), os esportes coletivos ainda seguem uma tradição de ensino que reproduz o esporte de rendimento, gerando problemas na compreensão do jogo por parte dos estudantes, além da exclusão causada pelas práticas repetitivas.

Ao ensinar o aluno a jogar voleibol na prática também devemos ensinar os benefícios da modalidade, o motivo pelo qual se pratica tal modalidade e suas relações com a mídia, imprensa, além de propiciar a convivência com os demais colegas (TESLA e MISSAKA, 2016).

A atividade física habitual, como a que os adolescentes têm na maioria dos esportes organizados, demonstra uma correlação positiva com o desempenho acadêmico. Estudos demonstraram também que as taxas de evasão escolar, de gravidez e de envolvimento em comportamentos de risco (como fumar e usar drogas) são menores em adolescentes que praticam esportes (SULLIVAN e ANDERSEN, 2004).

Esse é um fenômeno muito importante que valoriza as aulas de Educação Física no âmbito escolar e até não escolar. É claro que a prática de esporte por si só não garante esses resultados, sem uma orientação adequada do professor, que deve direcionar as reflexões nos encontros. Os estudantes que aprendem a jogar e a gostar de um esporte qualquer, aprendido na escola, e, por alguma razão, começam a praticá-lo fora da escola, têm menos tempo para se envolverem em comportamentos inadequados ou de risco como bem citaram os autores anteriormente.

Como o esporte possibilita a interação e a comunicação, oferece um campo em que diversão e alegria, mas também, dificuldades e problemas estão presentes. Essa prática proporciona muitas vivências e possibilita inúmeras ações.

[...] o esporte e as atividades de lazer podem oferecer às crianças e jovens um modelo compreensível da realidade social. Através do esporte, os modelos de ação e regras sociais podem ser esclarecidos e melhor compreendidos. Ele é como um agente socializador, é uma poderosa influencia na formação de atitudes e no desenvolvimento moral (GALLAHUE e OZMUN, 2005, p. 418).

Nas aulas de Educação Física escolar, o ensino do esporte deve transcender a prática pura do ensino técnico e de regras, táticas e história dos esportes. É preciso convidar sempre o aluno a refletir sobre suas atitudes durante a prática, pois isso permite um aprendizado bastante significativo, que pode mudar sua realidade e das pessoas ao seu redor.

A Evolução do Esporte sugere uma prática pedagógica que priorize, além dos métodos, procedimentos nos quais a preocupação central seja voltada para quem faz o gesto, estimulando-o a identificar e resolver problemas, e ainda proporcionando a criação de novos gestos (PAES, 2006, p.171).

Segundo Barroso e Darido (2010), o voleibol é uma modalidade esportiva coletiva que apresenta em sua essência o jogo, fator que socioculturalmente motiva e estimula as pessoas, mostrando-se muito propício ao desenvolvimento da sua prática em diferentes etapas da educação. Nesse contexto, o voleibol é uma atividade que pode promover a integração entre os educandos. Percebo, na minha atuação docente como professor e treinador de voleibol em projeto esportivo, que os estudantes criam um vínculo afetivo com os colegas e estreitam os laços de amizade. Ao longo de um ano de prática esportiva juntos, observei que muitos se tornaram melhores amigos através do esporte.

O desenvolvimento e o sucesso com o voleibol, assim como qualquer outra modalidade esportiva, dependem do comprometimento e da qualidade da sua prática pedagógica, reconhecendo a importância do jogo como um vínculo para o desenvolvimento social, emocional e intelectual dos alunos (SILVA, 2014, p. 40).

A personalidade faz parte do desenvolvimento integral de um indivíduo e cada pessoa apresenta sua própria maneira de ser. Segundo Santana (2005 *apud* Darido e Rufino, 2012), o esporte e a educação são fenômenos indissociáveis, o que significa uma crítica à pedagogia do esporte quando esta se restringe ao racional, abdicando das dimensões humanas sensíveis, como a afetividade, a sociabilidade e a emoção.

Para Pereira e Casarotto (2018), deve-se observar o público de alunos que será atendido e suas características, pois é necessário desenvolver técnicas e metodologias visando à aquisição de habilidades motoras, ao desenvolvimento da aptidão física e das valências físicas e, simultaneamente, à contribuição para o desenvolvimento afetivo social e cognitivo.

Nas aulas de Educação Física, é preciso visar a uma educação integral do indivíduo, atentando que estes estudantes serão replicadores de conhecimentos, atitudes e valores, aprendidos e vivenciados ao longo de sua formação ética e moral. O professor de Educação Física tem uma imensa responsabilidade, pois atua mais próximo da educação integral, contribuindo para formação física, social, emocional e afetiva dos estudantes em suas aulas.

O esporte como atividade de lazer tem grande participação na formação da personalidade dos alunos, pois, quando praticado com boa orientação, além de visar ao desenvolvimento integral do ser humano, tem como objetivo mostrar ao aluno que o esporte possui princípios de justiça e honestidade, com ou sem vitória, e também é necessário desenvolver atitudes de respeito e companheirismo entre o grupo.

Sobre isso, Darido e Rangel (2001) reportam que, observando a prática docente, podemos perceber que sempre houve certa dificuldade no encaminhamento de propostas de coeducação, ou seja, aulas em que os meninos realizam atividades com as meninas; aulas em que o respeito pelas diferenças é discutido e vivenciado. Isso é corroborado com a fala de Mattos e Neira (2008) quando afirmam que o educador é um veiculador de valores e esses valores vão construindo a personalidade dos estudantes.

Quando falamos em personalidade, trata-se do caráter e das atitudes que cada aluno ou pessoa adquire em relação aos outros e a si próprio, que servirão para toda sua vida em diversas situações, como bem sinalizam Mattos e Neira (2008), ao afirmarem que a Educação Física, parte integrante da educação, tem uma função social importante que colabora para o progresso e desenvolvimento da sociedade.

Clazer e Guaita (2008) destacam que a prática do voleibol nas escolas tem a finalidade de oportunizar ao aluno o conhecimento e a prática desse esporte. Pode proporcionar um melhor relacionamento social dos alunos pelo respeito mútuo e ajudar a identificar problemas buscando possíveis soluções. Segundo Silva (2014), a escola é um ambiente onde ocorre a pluralidade de relações sociais e, portanto, é o espaço ideal para que o jogo seja realizado.

Conforme apontam Sullivan e Andersen (2004), a maioria das atividades esportivas é boa para as crianças porque as motivam a serem fisicamente ativas, e na sociedade em que vivemos, na correria em que os pais vivem, muitas vezes sem

tempo para esporte, os professores assumem grande importância como incentivadores de uma vida ativa e saudável.

Isso é de extrema importância, pois tenho percebido, na escola, que os níveis de saúde dos jovens que chegam até mim estão preocupantes. Os jovens têm apresentado quadros com os mais diversos problemas como hipertensão, diabetes, depressão, ansiedade, desvios posturais, baixa aptidão física, comportamentos sedentários extremos.

Não podemos negar que a prática sistemática, organizada de esportes é fundamental na formação de crianças e adolescentes, podendo contribuir muito na construção de uma sociedade mais humana, que respeita as regras de comportamento social a serem seguidas pela população para que possamos viver em um ambiente mais harmonioso.

A prática esportiva também permite que os estudantes vivenciem sucesso e fracasso. As crianças e jovens precisam ser preparados para conviver com as perdas e ganhos na vida. Precisam aprender a encarar seus desafios de forma positiva e como forma de aprendizado e ganho de experiências.

Um trabalho pedagógico consistente, diversificado, em que o professor possa levar os alunos à reflexão, à comparação, às analogias em relação à realidade, pode provocar mudança de pensamentos, atitudes, valores, motivando o estudante a realizar seus objetivos e a melhorar sua vida.

A sociabilização, portanto, busca equilíbrio emocional e moral, lealdade, sinceridade, espírito de equipe, superação, todos os conceitos que devem ser inculcados nos jovens (ALMEIDA, 2002). Tendo claro que, através dos estudos, esforço e dedicação, o estudante pode chegar muito longe em sua caminhada. Segundo Gallahue e Ozmun (2005, p. 420):

O esporte pode contribuir com o crescimento moral do adolescente, quando inserida na construção de caráter, espírito esportivo e jogo limpo. O esporte fornece um ambiente ideal para ensinar os valores de honestidade, lealdade, autocontrole e justiça.

Os aspectos sociais do esporte pretendem manter a estrutura da organização social, como cumprimentar cordialmente o adversário depois de uma partida, ao invés de zombar da equipe adversária. Caso isso não seja estimulado pelos professores durante as aulas ou competições, os alunos dificilmente terão essa iniciativa. Os professores de Educação Física precisam estimular o controle emocional dos alunos.

Os desportos têm suas regras, e o professor precisa estimular este raciocínio. Se não fossem as regras ou o jogo, as atividades desportivas teriam outras características ou não fariam sentido para os participantes. A vida em sociedade também exige regras, em alguns aspectos, semelhantes às do jogo. Por exemplo, não se deve andar de carro na contramão, agredir pessoas ou destruir qualquer patrimônio público. As leis são regras que têm como objetivo estabelecer a ordem social coibindo os atos indesejáveis. Em ambos os casos, são as regras que possibilitam a convivência das pessoas, portanto, é importante que os participantes tanto de uma atividade desportiva quanto de um grupo social compreendam as regras.

Não que a escola deva reproduzir as regras oficiais do esporte institucionalizado, mas é importante que eles saibam o mínimo possível ou um nível ótimo de regras, para que ao assistir a um jogo num ginásio ou a uma partida pela TV, numa época de Olimpíada, competições mundiais, entre outras, possam saber o que se passa em quadra. Isso não só sobre o voleibol, mas sobre as mais diversas modalidades possíveis que integram a cultura corporal de movimento.

No entanto, os professores de Educação Física não podem se limitar ao ensino de regras dos esportes institucionalizados sem levar os alunos a refletirem sobre a importância delas para uma boa convivência social. O que se observa nas escolas é uma prática voltada para o esporte institucionalizado, que não deve ser o foco principal da escola ou do ensino do voleibol.

O trabalho do professor de Educação Física e do técnico esportivo vai além da simples orientação da prática esportiva. Ele busca orientar a criança para a vida, contribuindo por este meio, para questões mais amplas, auxiliando na construção da identidade do indivíduo praticante de atividade física e do esporte (RUBIO, 2000, p. 132).

Partindo dessa compreensão, cabe ao professor, além de ensinar os conteúdos técnico-científicos, educar os alunos para que sejam capazes de entender a maneira como a sociedade e suas leis funcionam, ressaltando a necessidade de refletirem sobre ambas e trabalharem no sentido das mudanças quando julgarem necessário.

2.3 Métodos de ensino dos esportes coletivos

A Pedagogia do Esporte é uma das disciplinas da Ciência do Esporte que, enquanto área de pesquisa, vem crescendo nos últimos tempos, sobretudo, em

relação às investigações sobre os denominados Jogos Esportivos Coletivos (GINCIENE e IMPOLCETTO 2019).

Para Lira *et al* (2015), a Pedagogia do Esporte está balizada por dois princípios integrados, que servem como ponto de partida para o ensino do esporte: o princípio técnico-tático e o socioeducativo. Devido à forte presença dos esportes nas escolas, tornou-se necessário repensar o tratamento pedagógico dado a eles, pois os métodos utilizados impactarão positivamente ou negativamente o aprendizado dos alunos.

De acordo com Oliveira (1998), método é um conceito que comporta múltiplas acepções, como esforço para atingir um fim, investigação, estudo, caminho pelo qual se chega a um determinado resultado. O método indica uma via de acesso, um caminho, uma direção a seguir e desencadeia a escolha das atitudes a serem tomadas, para alcançar um objetivo.

Diversos autores vêm estudando maneiras de melhorar a prática pedagógica no ensino dos esportes por meio de diferentes estratégias e metodologias. Bracht e Gonzáles (2012) defendem que os métodos são uma atitude intelectual que busca identificar, na heterogeneidade das aulas, formas de mediação que facilitem a aprendizagem dos alunos, ainda sabendo que não seja possível conseguir o artifício universal para ensinar a todos todas as coisas.

Já conforme Galliano (1979, p. 6 *apud* Prestes, 2012), um método é um conjunto de etapas, ordenadas e dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar um determinado fim.

O esporte é uma manifestação da cultura corporal de movimento e, para ensiná-lo na escola, as estratégias de ensino precisam ser variadas, tendo um tratamento diferenciado. Sendo assim, ao ensinar uma modalidade esportiva nas aulas de EF, os autores sugerem que os docentes devem refletir com os discentes sobre o difícil relacionamento entre meninos e meninas na realização da prática esportiva, a exclusão dos menos habilidosos, a violência, as dificuldades relacionadas ao entendimento sobre a necessidade e os mecanismos de construção das regras, a aplicação das noções sobre a organização tática (MALDONADO *et.al* 2017, p.30).

Thiollent (1994) ressalta que o objetivo da metodologia consiste na análise das características de diversos métodos existentes e, além disso, na avaliação de suas capacidades, potencialidades, limitações e na crítica às implicações de sua utilização.

Sobre essa questão, Tenroller (2008) expõe alguns métodos para o ensino do esporte coletivo, entre eles, o método parcial ou analítico, o método global ou

complexo, o método misto, o método global em forma de jogo, o método em série de jogos, o método recreativo, o método *transfert* e o método da cooperação–oposição.

O método parcial consiste em ensinar uma destreza motora por partes para posteriormente uni-las entre si. Esse método ainda é muito utilizado nas escolas, visto que muitos professores aprenderam assim e reproduzem-no da mesma maneira com seus alunos (TENROLLER, 2008).

Para Borges (2015), o método analítico-sintético está centrado no desenvolvimento das habilidades técnicas que significam os movimentos específicos para a prática do desporto escolhido, porém, em função do grau de complexidade, as habilidades precisam ser divididas em fundamentos técnicos. Galatti (2014) considera que esse método propõe o ensino, vivência e aprendizado do esporte a partir de habilidades isoladas, com ênfase na repetição de tarefas para o aprimoramento técnico. Este mesmo autor afirma que esses exercícios analíticos ainda são predominantes como estratégia de ensino na iniciação esportiva.

O julgamento analítico implica a decomposição do fenômeno em suas partes constitutivas. É uma operação mental, em que se divide a representação totalizadora de um fenômeno em suas partes (MAGILL, 2000).

Para Ginciene e Impolcetto (2019), tradicionalmente, o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física escolar tem sido embasado por uma abordagem denominada tecnicista ou tradicional, que se caracteriza pela fragmentação da prática esportiva, de forma que o aluno é conduzido no processo de ensino-aprendizagem em determinadas partes para depois juntá-las para jogar. Essa forma de ensino não forma praticantes com inteligência de jogo, que promove conquistas significativas relativas à tomada de decisões, à reação, e a outros aspectos relevantes ao bom desenvolvimento do jogo.

Conforme Correia (2006 *apud* Maldonado, 2017), o cotidiano do esporte escolar ainda é composto por práticas esportivas que reproduzem fortemente esse modelo tecnicista e/ou analítico sintético. De acordo com minhas experiências e conversas com colegas da área, esse método continua a ser um dos mais aplicados nas escolas nas aulas de Educação Física.

Nesse método, construído sobre as bases do treinamento desportivo, os professores focam seu trabalho no ensino de técnicas desportivas individuais e sistemas de jogos coletivos (COUTINHO e SILVA, 2009). Ele consiste na utilização de exercícios com ênfase nos fundamentos técnicos, do mais simples para o mais

complexo e defende que o praticante precisa aprender a técnica para que ele possa ter condições de jogar (SILVA e JUNIOR, 2018).

Esse método tem uma desvantagem, pois a vontade de jogar do estudante não é atendida, o que pode tornar a aula desinteressante. Muitas vezes o estudante não entende o porquê de estar repetindo aqueles gestos técnicos isolados se o professor não der uma boa explicação. De acordo com (Merida e Merida (2013 *apud* Maldonado 2017), as práticas esportivas ligadas a esse modelo proporcionam apenas uma mera reprodução de movimentos e técnicas, sem que haja uma reflexão por parte de alunos e professores.

Os exercícios analíticos buscam a repetição de uma determinada técnica, para, posteriormente, ser aplicada no contexto do jogo, onde o problema está na prevalência desses exercícios em detrimento de estratégias de ensino que privilegiem a inteligência do jogador em relação ao jogo (GALATTI, 2014).

Além disso, a adoção de uma única forma de ensinar estes conteúdos é comum nas escolas. Através do método tecnicista de ensino, os professores ensinam repetições de gestos pré-estabelecidos muitas vezes repetidos pelos alunos de forma extenuante (BETTI 1999).

Maldonado (2017) ressalta que o indivíduo é um ser sociocultural e as aulas restritas à técnica esportiva, por enfatizarem apenas aspectos motores, colaboram para desintegração desses aspectos em relação aos cognitivos, afetivos e sociais que deveriam estar em sintonia na formação dos discentes.

Segundo análise de Guimarães et. al. (2001 *apud* Maldonado, 2017), nessa proposta de ensino, alguns aspectos importantes não são desenvolvidos como: respeito mútuo, a cooperação e a afetividade, que são a base para se viver em sociedade.

O método global consiste em ensinar uma destreza motora apresentando o seu conjunto. É desenvolvido em uma série de jogos, mantendo a estrutura básica da modalidade em questão. Nesse método, os alunos executam os movimentos específicos do esporte, sem muita intervenção do professor e poderão ser observados de forma global durante o jogo.

Reverdito (2009) reforça que o professor tem um papel muito importante no processo do aluno ao desenvolver as capacidades de jogo, então, deve intervir de

forma enérgica e, como conseqüência, o aluno tem a possibilidade de participar mais ativamente do processo de ensino.

O professor deve ser participativo, interagindo com os jogadores. Além disso, precisa apresentar outras formas de movimentos segundo as capacidades dos alunos e verificar junto a eles as possibilidades de resolverem determinadas situações de jogo. Deve procurar pontuar como eles estão jogando e o que deverão corrigir em possíveis falhas e esclarecer ao aluno o motivo da interrupção do jogo, provocando a autorreflexão tática entre eles. (GRAÇA, 1994).

Durante os jogos, a parte cognitiva é muito estimulada devido à variedade de estímulos recebidos no decorrer da partida, em virtude da complexidade motora empregada. VENDITTI (2008) defende que o jogo é um importante instrumento pedagógico e ainda um dos meios mais propícios para construção do conhecimento dos indivíduos. Através de uma prática consciente, podemos usá-lo como meio de aprendizagem e de descobertas.

Aplicando variações do jogo (mudanças de regras, criação de novas regras, alteração do número de participantes, tipos de bolas, diferentes espaços e tamanhos, minijogos, vantagem ou desvantagem numérica, dentre outros) geram-se novas dificuldades, estimulando os estudantes com novos desafios, que acabam se tornando mais conscientes das atividades e do respeito que devemos ter com o ser humano.

Segundo Borges (2015), esse método é mais eficiente e consistente quando comparado ao analítico, pois atende aos desejos e expectativas dos alunos quanto ao jogar. Isso motiva os alunos e facilita o processo de aprendizagem. Não podemos confundir esse método com o famoso “rola bola”, onde o professor larga a bola e os alunos jogam soltos, sem orientação alguma, pois o método exige correções por parte do professor e o retorno sobre acertos adquiridos.

A abordagem do TGfU (*Teaching Games for Understanding*), originário da Inglaterra, propõe que as aulas de iniciação esportiva tenham como base os jogos “reduzidos”. Tais jogos podem ter espaço, número de jogadores e tempo reduzidos, além de equipamentos adaptados. É importante, no entanto, que a estrutura tática dessas práticas seja semelhante a do jogo formal. Assim, o aluno compreende a lógica do jogo, sendo capaz de responder de maneira inteligente às situações que surgirem. A finalidade é fazer com que ele compreenda a tática antes de preocupar-se com a aprendizagem dos gestos técnicos. (GINCIENE e IMPOLCETTO 2019, p.124).

O método, que antes era centrado na decomposição do jogo em partes menores, passa a buscar metodologias e propostas para a sistematização do

conteúdo, valorizando a compreensão da tática do jogo que significa o entendimento ampliado do seu desenvolvimento, reforçando a tomada de decisões. (GALATTI, 2014).

Paes, Montagner e Ferreira 2015 (apud Silva & Junior, 2018) destacam a importância do jogo no processo de ensino-vivência-aprendizagem dos esportes coletivos:

O jogo, além de imprevisível, possibilita o desafio, a motivação e a participação. Apresenta constantes problemas que exigem respostas criativas e hábeis, individuais e coletivas, o que, conseqüentemente, estimula a cooperação e importantes construções coletivas – para o jogo e para a vida. Permite ainda, ao aluno, compreender a complexidade dos jogos coletivos, de forma autônoma, inclusiva e diversificada.

Segundo Greco (1998, 1999), os modelos de ensino–aprendizagem–treinamento orientados em concepções do desenvolvimento da capacidade tática possibilitam que os praticantes realizem uma apropriação inteligente do uso dos elementos técnicos necessários à solução das diferentes situações de jogo. Então, o processo de aquisição de aptidões cognitivas de percepção, antecipação e tomada de decisão necessária para direcionar a movimentação específica de um jogo é proposto pelo modelo de ensino–aprendizagem–treinamento (GRECO, 2001).

Assim, em uma metodologia que explore conteúdos, por meio de uma situação de jogo na aula/treino, exige do professor/técnico o cuidado didático na garantia de um ambiente de jogo, em que os planos pedagógicos (planejamento, objetivos, conteúdos) sejam orientados pela natureza do jogo. Porém, isso não significa que é apenas o deixar jogar (o jogo pelo jogo), mas garantir um ambiente de aprendizagem em que os procedimentos e objetivos pedagógicos sejam alcançados na medida em que o jogador mobiliza suas competências e habilidades (ato de jogar) a fim de elucidar a lógica do jogo (jogar melhor/obter êxito), (SCAGLIA et.al 2013).

Os autores supracitados reforçam que é necessário estabelecer um processo de aperfeiçoamento contínuo no jogo, que possibilite aos estudantes a estruturação no espaço coletivo, unindo as ações individuais às coletivas, em relação ao posicionamento dos adversários e à estratégia preestabelecida coletivamente. As circunstâncias contextuais do jogo devem ser configuradas e lidas pelos jogadores à medida que suas respectivas habilidades de interpretação da lógica do jogo se ampliem. Essa capacidade deve estar aliada ao amadurecimento cognitivo dos estudantes e à ampliação contextualizada de seus esquemas de ação, por meio de

suas ações com os demais jogadores. Além disso, e, ao mesmo tempo, os estudantes precisam manter uma relação adequada e eficiente com a bola, de modo a conseguirem executar as ações motrizes requeridas, sempre com o objetivo de ganhar o ponto.

GRAÇA (1995) reforça que as ações táticas e técnicas devem sempre ser pensadas em sua perspectiva aberta, ou seja, em desenvolver habilidades em contextos de jogo, em que a imprevisibilidade esteja presente, sendo esta, uma das principais características dos jogos esportivos coletivos. Desse modo, a proposta de sistematização do processo de ensino dos jogos esportivos coletivos deve estar ancorada em um planejamento coerente focado no desenvolvimento de uma metodologia que privilegie as competências essenciais, em meio ao jogo e suas peculiaridades - como o ambiente de jogo. Por esse motivo, devemos ordenar as competências essenciais, fazendo com que elas sejam enfatizadas de diferentes modos ao longo do processo de ensino e aperfeiçoamento. É também por essa razão que propomos organizá-las em competências essenciais gerais, específicas e contextuais.

Portanto, o jogo entendido como sistema é dotado de um princípio organizador, sendo este evidenciado em meio a uma cadeia de acontecimentos cíclicos, que se repetem sempre em níveis superiores, elevando a complexidade do sistema (produzindo diversidade). Esse princípio leva os jogadores a novos patamares de conhecimento à medida que constroem e testam suas soluções (respostas). Podemos dizer, então, que a organização gera ao mesmo tempo transformação e formação. A organização forma um todo a partir da transformação de seus elementos, ou seja, o padrão organizacional evidencia o processo de organização, o qual dá forma, no espaço e no tempo, a uma realidade nova (SCAGLIA, 2005 e 2011).

O método misto se baseia na sincronia do método global-parcial-global. Ele consiste na execução do gesto e na correção e repetição da maneira desejada no momento em que o professor percebe o erro. Esse método é uma junção dos dois métodos apresentados anteriormente, o global e o analítico, pois permite que, numa mesma aula, o professor utilize exercícios técnicos e jogos, independentemente da ordem (BORGES 2015). Para Pinho, 2009 (apud Borges, 2015), esse método oferece ao aluno um aprendizado mais completo, onde, se no método global ficou algo que não aprendeu, então, parcializa-se o movimento.

O método em série de jogos assemelha-se ao método global, uma vez que defende que “é jogando que se aprende”. Nesse método, os jogos são reduzidos e mudanças são feitas para facilitar a aquisição das habilidades e entendimento do esporte. Coutinho e Silva (2009) sinalizam que o princípio fundamental é que os jogos devem ser desenvolvidos sempre dos mais simples para os mais complexos e que uma intensidade máxima de prazer e participação seja garantida aos alunos.

Paes (2001) apresenta a possibilidade de utilizarmos os jogos reduzidos com experiências práticas em situações de jogo, também em 1x1 - 2x2 - 3x3. O "jogo possível" é uma alternativa para ensinar jogos desportivos coletivos, já que pode propiciar aos alunos o conhecimento e a aprendizagem dos fundamentos básicos das modalidades coletivas. Nesse sentido, consideramos os valores relativos e absolutos e também a aprendizagem, a qual ocorre de acordo com suas possibilidades materiais (locais). Almejamos, nesse procedimento, a motivação por parte dos alunos ou praticantes, para que tomem gosto e possam usufruir da prática desportiva como benefício para melhorar sua qualidade de vida, caso seus talentos pessoais não despertem o sucesso atlético.

Ainda de acordo com os mesmos autores, esse método foi idealizado e proposto na década de 80 pelos professores alemães Heinz Alberti e Ludwig Rothenberg. Os objetivos principais do aprendizado dos jogos segundo eles são: 1) o aperfeiçoamento da técnica motora; 2) o domínio do material do jogo; e 3) o ensino do comportamento tático.

Para Garganta (1998 apud Venditti, 2008), os jogos desportivos coletivos fazem parte da cultura desportiva contemporânea e, sendo bem orientados, podem promover desenvolvimento tático, cognitivo, técnico e socioafetivo.

De acordo com Maldonado (2017), os jogos pré-desportivos colaboram para o aprendizado das modalidades esportivas. Além disso, o professor consegue desenvolver uma função educativa na prática desses jogos, atrelando valores como a inclusão, a convivência, o respeito e a ética. Entretanto, a maioria dos docentes pesquisados, em um estudo realizado por Maldonado (2017), utiliza o jogo formal como estratégia de ensino com todas as características do esporte de rendimento, por acreditarem em uma maior efetividade dessa estratégia.

Tenroller (2008) cita o método recreativo, aquele em que estão presentes elementos do esporte, onde se dá uma ênfase à ludicidade, sem destacar o fundamento em si, por exemplo, um jogo de voleibol jogado com bola gigante.

O método *transfert* defende o trabalho com mais de uma modalidade na mesma atividade, associando gestos técnicos desses esportes. Os alunos ficam transitando entre um e outro esporte, com duas ou mais bolas, realizando ações técnicas dos esportes.

Já o método da cooperação-oposição dá ênfase aos aspectos sociais de cooperação e oposição, ensinando aos alunos que precisam dos adversários para que aja o jogo e que este seja valorizado e não tratado como inimigo.

É preciso investigar os métodos de ensino/aprendizagem, pois interferem quantitativa e qualitativamente nos efeitos da aprendizagem dos alunos de diferentes níveis de desempenho.

Bracht e González 2012 afirmam que a justificativa que damos ao ensino do esporte nas aulas de Educação Física pode estar relacionada à escolha do que é ensinado (conteúdos) e à forma (método) de ensino. Isso significa dizer, na visão desses autores, que, se a justificativa central para o ensino dos esportes for a ideia de levar os alunos a dominarem a modalidade para participarem de competições escolares ou quem sabe, no futuro, participarem de seleções municipais e/ou estaduais, será necessário centrar o ensino, de forma quase exclusiva nas técnicas e táticas esportivas.

Maldonado, Silva e Neira (2015) mencionam que as propostas curriculares estaduais brasileiras de EF sugerem que os professores que ensinam esportes coletivos devem promover debates entre os alunos, ministrar atividades práticas, utilizar recursos audiovisuais, vivenciar os esportes coletivos, realizar apresentações dos conteúdos desenvolvidos, realizar pesquisas em grupo ou de forma individual, entrevistar pessoas envolvidas com os esportes coletivos, elaborar painéis com ideias relacionadas aos esportes coletivos, praticar o esporte coletivo compreendendo os elementos técnicos e táticos em conjunto, propor a realização da auto avaliação, realizar rodas de conversa e utilizar a ludicidade para ensinar os esportes coletivos (MALDONADO 2017, p. 41).

É de conhecimento geral e defendido pela maioria dos autores que a prática do jogo formal seis contra seis no voleibol, ao nível da iniciação, constitui-se como inadequada. Tal constatação deve-se ao fato de a interrupção do jogo ser constante, devido à dificuldade de sustentar a bola no espaço aéreo, onde o praticante tem contato reduzido com a bola (KUNZ, 1994).

Nas aulas de Educação Física, o tempo de aula é curto, o número de alunos por turma é elevado, cerca de 40, e somado a isso, o espaço escolar, na maioria das vezes, é restrito a uma única quadra de voleibol. BETTI (1999) argumenta que a

transformação didática dos esportes visa especialmente à equidade de condições para os alunos, de forma que todos possam participar em igualdade de condições, com prazer e sucesso na realização dos esportes.

Um estudo realizado por Buk & Harisson (1990) constatou que, na situação de jogo formal, os alunos tocaram na bola, em média, menos de uma vez por minuto, o que torna essa metodologia inadequada nesses casos. Desse modo, parece ser uma determinante a escolha de estratégias que promovam um aumento do número de contatos com a bola e o grau de êxito nas tarefas, utilizando-se, para tal, situações facilitadoras da sustentação da bola. Baacke (1972) também concorda ser uma das principais dificuldades para o aprendizado do iniciante no voleibol a pequena quantidade de vezes que o aluno toca na bola em situações reais de jogo.

Como refere Bento (1987), a matéria tem que ser escolhida, preparada, ordenada, estruturada, transmitida. Na organização dos conteúdos, é imprescindível a seriação deles por níveis de complexidade. Deve haver a preocupação com a técnica, mas sempre posterior à compreensão que se adquiriu sobre o jogo.

Portanto, não é apenas a transformação prática do esporte que deve acontecer de uma prática exigente para uma prática menos exigente em relação ao outro - o que acontece também na busca de alternativas para introduzir ou iniciar melhor o aluno em alguma modalidade - mas, principalmente, a compreensão das possibilidades de alteração do sentido dos esportes (KUNZ, 1994).

Alterar as regras é um dos meios mais eficazes para que os alunos possam jogar sem grandes habilidades e, assim, estimular a automotivação de crianças e jovens. Modificar espaço, altura da rede e número de jogadores, além de mudar o número de contatos permitidos para que os alunos tenham sucesso, fortalecendo a permanência na prática também são alternativas válidas.

Os alunos de nível de desempenho baixo necessitam de situações de aprendizagem mais estruturadas que possibilitam não só o aumento do número total de contatos, mas também maior qualidade das respostas. Sendo assim, a seleção das tarefas organizadas de maneira sequencial e com níveis de complexidade progressivos é necessária para que os objetivos da aprendizagem sejam alcançados. A concepção atual diz que, através da melhoria das habilidades, melhora-se a capacidade de jogo. Segundo Bayer, citado por Daolio (2002),

[...] as modalidades esportivas coletivas podem ser agrupadas em uma única categoria pelo fato de todas possuírem seis invariantes : uma bola ou implemento semelhante, um espaço de jogo, parceiros com os

quais se joga, adversários, um alvo a atacar e defender, e regras específicas.

Ainda segundo o mesmo autor, os três princípios operacionais são: conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe e da bola em direção ao adversário e finalização da jogada, visando à obtenção do ponto. Ele acrescenta os princípios de defesa que são: recuperação da bola, impedir o avanço da equipe contrária e da bola em direção ao próprio alvo e proteção do alvo para impedir a finalização da jogada pela equipe adversária.

De acordo com Júlio Garganta, citado por Daolio (2002), duas competências básicas são necessárias para a aprendizagem e prática do esporte coletivo: a inteligência, vista como a capacidade de adaptar-se a situações dinâmicas que acontecem no jogo, para resolver os constantes problemas que surgem, e a cooperação, vista como a necessidade de o praticante combinar suas ações com as ações do grupo.

A forma como os esportes coletivos têm sido convencionalmente ensinados dificulta uma aprendizagem que direcione os alunos a uma apropriação efetiva do conhecimento necessário para a prática (BORGES et al. 2017). A visão tecnicista ainda permeia no modo de ensino de muitos professores que ensinam os esportes nas escolas. Ainda percebemos a ênfase quase que exclusiva à transmissão de habilidades técnicas próprias da modalidade, desconsiderando a dimensão tática.

Conforme aponta Borges et.al (2017), na abordagem tradicional, a técnica é aplicada de forma isolada e descontextualizada com pouca relevância para as exigências do jogo. Mesquita (2009) considera que nos Jogos Desportivos Coletivos, dada à natureza aberta das habilidades, esse tipo de prática é regido pelo recurso às tarefas que repliquem, o mais cedo possível, a lógica do jogo.

3 PLANO DE ENSINO

	<div style="text-align: right;">  </div> <p style="text-align: center;">Mestrado Profissional Educação Física em Rede Nacional</p> <p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES – CEFD PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL – PROEF</p>
Professor:	Ueder Moreira Magalhães
Disciplina:	Educação Física
Elemento da Cultura Corporal:	Esporte
EMENTA	
Introdução ao estudo do voleibol e suas relações com a Educação Física Escolar, estudo e análise dos movimentos corporais de seus elementos básicos e metodologias desenvolvidas para o ensino do esporte coletivo e o incremento da pesquisa e o trabalho de campo.	
OBJETIVOS	
Compreender os elementos da lógica do esporte voleibol; Conhecer regras modificá-las, vivenciar a dinâmica do jogo e experimentar movimentos do voleibol; Criar possibilidades para a realização, de forma adaptada, do voleibol no ambiente escolar; Propor e produzir alternativas para a experimentação do voleibol na escola. Entender as mudanças nas regras do voleibol de quadra para a prática no ambiente escolar.	
METODOLOGIA	
Aplicação de uma proposta a partir da pedagogia do esporte, para que as aulas possam ser redimensionadas e o aluno vivencie práticas diferenciadas que contribuam para seu aprendizado, com diversos materiais, locais e processos, incrementando a criatividade.	
SUGESTÕES DE AVALIAÇÃO	
- Realização das atividades avaliativas constantes no Guia Didático; - Realização de uma prova individual; -Produção de relatório das atividades realizadas;	
PROGRAMA DO CONTEÚDO	
01- Diagnóstico prático – atividade 1 02- Análise dos vídeos da atividade diagnóstica 1 03- Voleibol gigante – atividade 2 04-Aula teórica sobre regras básicas do voleibol – atividade 3 05-Vídeo sobre os fundamentos técnicos do voleibol – atividade 4 06-Minivoleibol – atividade 5 07-Minivoleibol – atividade 6 08-Jogo “Controle” – atividade 7 09- Jogo “1,2,3,4 cortada!” – atividade 8 10-Voleibol reduzido Atividade 9 11- Sugestão para trabalho de campo	

REFERÊNCIA BÁSICA

BARROSO, A.L.R. & DARIDO, S.C. Voleibol escolar: uma proposta de ensino nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.2, p.179-94, abr./jun. 2010.

Voleibol Escolar : Estudo de Propostas Metodológicas.

Disponível em : <http://cev.org.br/biblioteca/o-voleibol-escola-estudo-propostas-metodologicas/>
 acesso em 28/03/2020

BORGES, S. L.; Metodologias de Ensino dos Esportes Coletivos na Iniciação Esportiva Escolar em Atividades Extracurriculares. Vitrine Prod. Acad., Curitiba, v.3, n.1, p.183-192, jan./jun. 2015.

MESQUITA, I. O ensino do voleibol. Proposta metodológica. In: GRAÇA, A; OLIVEIRA, J. (Ed.). O ensino dos jogos desportivos. 3ª edição. Universidade do Porto, 1998. p. 153-199.

GRAÇA, A. Os comos e os quando no ensino dos jogos. In A. Graça e J. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos* (pp. 27-34). Centro de estudos dos jogos desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto: (1994).

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

REVERDITO RS, Scaglia AJ. Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte 2009. 264p.

RUBIO, K. (org.) Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SCAGLIA, A.J.O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. Porto Alegre: Movimento, v. 19, n. 04, p. 227-249, out/dez de 2013.

SCAGLIA, Alcides José. Jogo: um sistema complexo. In: FREIRE, J. B.; VENÂNCIO, S. O jogo dentro e fora da escola. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 37-

SCAGLIA, Alcides José *et al.* A organização do processo de ensino em função da lógica do jogo e das competências essenciais para a aprendizagem dos jogos coletivos de invasão. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Porto, v. 11, supl. 4, p. 89, 2011.

UNIDADE DE ENSINO I

Diagnóstico



1 UNIDADE DE ENSINO I - Diagnóstico

1.1 Diagnóstico prático – atividade 1

Esta atividade tem o objetivo de verificar o conhecimento de mundo dos estudantes, ou seja, o que já conhecem sobre o voleibol, como se posicionam em quadra, suas movimentações, quais regras já sabem e como se saem na execução dos fundamentos técnicos do voleibol. Além disso, nesta atividade o professor pode verificar a capacidade de avaliação dos estudantes enquanto observam outros colegas atuando, o que pensam sobre as ações e movimentos desempenhados, os erros, os acertos, a interação social, a atitudes com a equipe, entre outras.

Primeiramente, a atividade deve ser explicada em sala de aula. Após a explicação, todos devem se deslocar para a quadra ou espaço aberto para a parte prática. A turma pode ser dividida em três grupos com aproximadamente 12 integrantes ou em quantidade iguais, conforme a quantidade de estudantes. O primeiro grupo se subdivide em dois grupos que se posicionam na quadra de voleibol. A orientação é que os estudantes joguem de acordo com o que já sabem acerca do voleibol. Durante dez minutos eles jogam, sem interferência alguma do professor, nem dos grupos de fora. Os dois grupos de fora são orientados a fazer a análise dos que estão jogando, observando erros, acertos, comportamentos, entre outros aspectos. Dessa maneira, cada grupo de fora fica responsável por analisar as ações de um subgrupo, que ocupa meia quadra, desta maneira, os dois lados são analisados.

Para reportar a análise feita, os estudantes formam duplas e gravam suas observações em áudio nos seus respectivos *smartphones*, com auxílio do aplicativo *whatsapp*. Após dez minutos ou um tempo determinado pelo professor, um rodízio dos grupos deve ser feito, de modo que todos executem todas as atividades, tanto dos movimentos, quanto de observação. Ao final da aula, os áudios devem ser enviados para um representante da turma que ficará responsável por enviá-los ao professor, para posterior análise das visões dos alunos. A aula também pode ser filmada para posterior análise do professor.

1.2 Análise dos vídeos da atividade diagnóstica 1

Através dos vídeos gravados durante a atividade diagnóstica anterior, o professor poderá fazer uma análise mais detalhada dos problemas ou dificuldades na prática do voleibol. A seguir, há algumas imagens registradas durante o diagnóstico que fiz com os estudantes, onde há diversas situações em que os estudantes precisam ser corrigidos. Nas figuras 1 e 2 pisam na linha; nas figuras 3 e 4 posicionam a perna errado; nas figuras 5 e 6 não efetuam de forma adequada o movimento de saque; nas figuras 7 e 8 não se posicionam na quadra de maneira adequada.



Fig. 1 (acervo do autor).



Fig. 2 (acervo do autor).



Fig. 3 (acervo do autor).



Fig. 4 (acervo do autor).



Fig. 5 Diagnóstico (arquivo do autor).



Fig. 6 Diagnóstico (arquivo do autor).



Fig. 5 Diagnóstico (arquivo do autor).



Fig. 6 Diagnóstico (arquivo do autor).



Acesse o vídeo sobre o diagnóstico:

https://www.youtube.com/watch?v=_ysk3Z4gBPs



UNIDADE DE ENSINO II

Intervenções



2 UNIDADE DE ENSINO II – Intervenções

O processo de construção do planejamento no ensino de qualquer modalidade esportiva passa por uma avaliação diagnóstica sobre o que os alunos já sabem, já vivenciaram e aquilo que eles nunca viram, ouviram ou vivenciaram sobre determinado conteúdo. A partir daí, foi possível construir uma sequência didática, partindo de atividades mais simples e chegando até as mais complexas.

Em algumas atividades pensadas para os estudantes que pareciam simples e fáceis, às vezes, havia um grau de dificuldade maior do que o esperado. Então, logo durante a atividade, era feita a intervenção e a sua facilitação, para que os estudantes conseguissem sucesso. Era como se déssemos um passo para trás, para depois avançarmos dois passos à frente, na medida em que os estudantes evoluíam na aprendizagem.

2.1 Voleibol gigante – atividade 2

De acordo com Machado (2006), o nível de habilidade técnica e física nos primeiros estágios de aprendizado do voleibol não é suficiente para que o jogo tenha uma sequência, com a bola caindo constantemente no chão. Isso causa um desestímulo, uma sensação de frustração para o jovem, levando-o, muitas vezes a desistir da modalidade. Um método de ensino pautado na pedagogia do esporte pode garantir a oportunidade de participação efetiva para todos os sujeitos, despertar o prazer e o interesse pelo esporte em diversos níveis, seja como aluno, atleta ou espectador (LIRA et al 2015).

Nesta atividade, o professor pode dividir a turma em 03 grupos de 12 alunos aproximadamente ou em partes iguais conforme o tamanho da turma. Um grupo joga por vez e será orientado a se posicionar em quadra como achar mais adequado. No início da atividade, deve ser explicado que, respeitando os limites da quadra de voleibol, os alunos podem dar quantos toques na bola quiserem, sem preocupação com a técnica do movimento. A bola utilizada deve ser gigante, a maior que encontrar, de plástico, normalmente é vendida em parque de diversões. Uma dica é encapá-la com recortes de tecido de seda para dar maior durabilidade e um pouco mais de peso.

A bola grande é utilizada para aumentar a área de contato dos braços com ela, pois leva mais tempo para cair, o que favorece uma maior reação dos estudantes, a fim de se posicionar e correr em tempo oportuno. Essa proposta baseada no método global atende aos anseios dos alunos em já iniciar a prática do esporte jogando, com 06 participantes em cada lado, com rede montada, utilizando fundamentos técnicos característicos da modalidade, sem cobrança da técnica e com regras flexíveis quanto ao número de toques, rodízio e posicionamento rígido.

Nessa atividade proposta, pensei em desmistificar o medo dos alunos em praticar um esporte, ou em iniciar a sua aprendizagem. Muitos estudantes, devido às vivências e experiências negativas na Educação Física em anos anteriores, chegam ao Ensino Médio “traumatizados” quando o assunto é esporte. Muitos foram xingados, humilhados, excluídos durante toda uma caminhada na educação física. Isso dificulta a reaproximação do esporte no Ensino Médio. Medo de acontecer novamente o que foi no ensino fundamental.

Então, essa proposta lúdica, sem muitas cobranças, era para facilitar a aproximação dos estudantes a um jogo semelhante ao voleibol, que desse a ideia de estarem jogando voleibol, sem serem criticados pelos erros ou sem sentimento de culpa.

No início da atividade é bem comum os estudantes se mostrarem competitivos, buscando marcar o ponto, onde a bola é passada de primeira para o campo adversário, não oportunizando maior envolvimento da equipe e caindo rápido. Esse tipo de comportamento competitivo é muito marcante nas aulas de Educação Física e isso pode levar à exclusão dos menos habilidosos. Um dos fatores apontados por (Altmann 1998) citado por Darido e Rangel (2011) que leva à exclusão por habilidade é o caráter competitivo presente na prática esportiva escolar.

Caso perceba isso, e foi o que percebi na minha intervenção, o professor deve conduzir a atividade para a cooperação. Então, foi solicitado aos estudantes que o objetivo não era derrubar a bola no solo, e sim fazer que a mesma ficasse o maior tempo possível transitando entre os dois lados da quadra. Após a mudança, os estudantes entenderam e cumpriram. Porém percebi que continuavam mandando a bola para o lado adversário de primeira, sem participação dos demais integrantes do grupo. Imediatamente já intervi e lancei a proposta de os estudantes se esforçarem para que cada equipe possa dar três toques na bola, no mínimo, antes de passar para a equipe do outro lado. Isso retira a intenção de jogar a bola para o chão e permite

que mais alunos toquem na bola e estejam focados em mantê-la no ar o máximo de possível. Segundo Montagner (2011), alguns autores propõem atividades que não estimulem a competição, alegando que esse componente desenvolve valores negativos, como egoísmo, a agressividade e o individualismo, e sim ações cooperativas com ênfase na participação de todos, no auxílio mútuo e na igualdade de oportunidades.

Os grupos devem se revezar após aproximadamente 10 minutos. Quando o professor perceber que os alunos se acostumaram com a bola, pode lançar os desafios. E foi o que fiz ao perceber que os alunos já cumpriam aquilo que tinha proposto inicialmente, precisei introduzir um novo elemento na atividade. No primeiro desafio, os grupos participantes devem conseguir realizar 15 toques sem deixar a bola cair. Caso caia, a contagem é zerada. O objetivo é incentivar os estudantes a manter a bola no ar. Conforme os estudantes vão conseguindo atingir o número de toques, o professor pode aumentar gradualmente a número de toques para 20, 30, etc.

Com o avanço da atividade, um novo problema surgiu. Alguns estudantes não conseguiam com apenas um toque, mandar para seu colega de time. Foi aí que facilitei e permiti que um estudante pudesse dar um segundo toque na bola para corrigir seu movimento anterior. A atividade fluiu com muita leveza até o fim da aula.

Percebi depois, em atividades futuras, que a bola utilizada para o voleibol gigante era excelente para uma atividade lúdica na modalidade de futsal. Utiizei a mesma bola para um jogo de futsal e foi um sucesso.

De acordo com Testa e Missaka (2016), outro fator importante é a motivação, pois interfere diretamente no desenvolvimento e fixação do aprendizado. O profissional de Educação Física precisa “encantar” (ou ainda “inspirar”) os alunos para as práticas esportivas. Esse encantamento acontece através de recursos pedagógicos como o jogo, a motivação e a atuação profissional (VENDITTI 2008).

Essa estratégia da aplicação do voleibol gigante pode ser eficaz e divertida, visto que os alunos vão se movimentar mais em quadra, realizar mais ações antes de a bola cair, entender a dinâmica do voleibol como um jogo coletivo. A leveza da bola e o seu tamanho contribuem para que o número de acertos seja infinitamente maior, visto que ela demora mais a cair e é mais fácil de acertá-la.



Fig. 9. Voleibol gigante (Arquivo do autor).

Fig. 10. Voleibol gigante (Arquivo do autor).



Acesse o vídeo sobre o voleibol gigante:

<https://www.youtube.com/watch?v=ZcKwg7uNuy4>

A black and white icon of a video player, featuring a play button in the center and a film strip border.

5.2 Aula teórica sobre regras básicas do voleibol – atividade 3

Nesta etapa, o professor precisa apresentar o voleibol de maneira mais específica, por isso, recomendamos a elaboração de uma apostila destinada aos alunos que contenha regras básicas sobre o funcionamento do esporte. Entre elas, início do jogo, instalações e equipamentos, participantes, formato do jogo, posições dos jogadores, substituições, toques da equipe, características dos toques, ordem do saque, execução do saque, especificidade do líbero, condutas incorretas e sanções.

A explicação pode ser feita em sala de aula, com auxílio de quadro e pincel, para anotações e desenhos. Os estudantes podem e devem participar da aula, ir até o quadro responder perguntas orais e se necessário convidar outros para ajudá-lo, caso o aluno chamado erre a resposta. Na sequência, é importante realizar uma atividade escrita com questões sobre o conteúdo estudado em sala e os estudantes podem responder com ou sem o material de consulta.

2.2 Vídeo sobre os fundamentos técnicos do voleibol – atividade 4

Um vídeo é uma ótima opção para facilitar a explicação dos fundamentos técnicos do voleibol, saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio e defesa. Cada um contendo explicação técnica e erros mais comuns.

É muito importante que o professor use tecnologias em sala de aula, já que tais recursos facilitam a aprendizagem e a análise de movimentos tão complexos como são os do voleibol. Além disso, sabemos que nem todos os professores de Educação Física foram atletas ou já tiveram vivências suficientes para que possam realizar os movimentos do voleibol com a técnica mínima adequada. Os vídeos também auxiliam, caso o professor tenha alguma dificuldade ou dúvida técnica ou algum tipo de impossibilidade. Na visão de Testa e Missaka (2016), a aprendizagem visual deve ser considerada, uma vez que os estudantes também aprendem por observação ou imitação do comportamento alheio.

2.3 Mini voleibol – atividade 5

Nesta atividade, os estudantes são encaminhados à quadra para apresentação de como montar e regular a rede de voleibol. Os alunos são apresentados ao minivoleibol, uma versão simplificada do voleibol, que é praticado com três ou quatro atletas em cada equipe. Com a aplicação do minivoleibol, as dificuldades impostas pelo voleibol são amenizadas.

Com isso, ensinei os alunos a montar a rede para que em outros momentos, dentro ou fora da escola, pudessem saber armar uma rede da maneira mais adequada possível ao momento, local e participantes, cuidando da regulação da altura e fixação adequada nos mastros.

De acordo com Greco (1998), apesar das vantagens do minivoleibol, são poucas as escolas que utilizam esta prática esportiva, fato que acarreta prejuízos ao desenvolvimento esportivo dos alunos. As ações mais complexas praticadas no voleibol, aqui, se tornam simplificadas, sendo igualadas ao estado de desenvolvimento dos jogadores (TESTA & MISSAKA, 2016).

O minivoleibol, ou vôlei reduzido, indica uma partida de voleibol tradicional, porém com situações mais simplificadas. É uma modalidade que ocorre livremente, sem muitas regras, mostrando gestos tradicionais aos alunos com idades entre 09 e 13 anos. O jogo também é praticado por adultos que estão começando a conhecer o voleibol (TESTA e MISSAKA, 2016).

Já que a maioria dos estudantes não tiveram a vivência e experimentação no voleibol, resolvi introduzir esse jogo reduzido que é bem familiar ao voleibol tradicional.

Ainda de acordo com Testa e Missaka (2016), em uma partida tradicional de voleibol (6x6), o número de ações motoras realizadas por uma criança para tocar a bola é insuficiente para que ela realize uma jogada desejável. O minivoleibol cobre essa desvantagem, dando liberdade à criança para tocar a bola quantas vezes considerar necessário, em um espaço menor, o qual atende o nível de dificuldade em questão.

A rede pode ser armada a uma altura de 2,00 metros com uma antena de voleibol para dividir a rede ao meio. Outra pode ser armada do lado de fora da quadra, fixada no mastro e na tela de proteção da quadra ou numa árvore. Cones podem ser utilizados para demarcar os limites de cada miniquadra, uma dimensão de 6 metros de comprimento e 4,5 de largura, por exemplo.

O professor deve explicar aos alunos as posições básicas em que cada um deve jogar, sendo 01 no fundo da quadra, 02 no ataque e 01 no levantamento. Também deve aproveitar para explicar sobre o rodízio 6x0, ou no caso, 4x0 de maneira prática.

As regras devem ser flexibilizadas, no sentido de estimular o sucesso dos alunos. Aqueles estudantes que já dominam os fundamentos “toque” e “recepção” podem utilizá-los normalmente. O saque também deve ser flexibilizado para uma distância menor, mais próximo da rede. O professor não deve permitir a utilização da cortada, para que seja facilitada a recepção e nem a utilização do bloqueio. Aqueles alunos que não tiverem segurança para realizar os fundamentos de toque e recepção podem segurar a bola e na sequência realizar a ação mais adequada, objetivando o desenvolvimento de um jogo que possua alguns elementos da modalidade esportiva e não o esporte propriamente dito. É importante envolver o grupo e transformar a antiga visão da aula de Educação Física em algo motivador e acessível aos indivíduos com os mais diferentes níveis de habilidade motora (MATTOS e NEIRA 2008). Caso a bola não seja enviada adequadamente ao levantador, ele pode segurar a bola também e realizar a ação dando um segundo toque.

Se o professor perceber durante a atividade que muitos alunos ainda não entendem onde devem se posicionar, o que fazer quando a bola chegar nele, qual ação realizar e para onde enviar a bola, pode paralisar o jogo e orientá-los novamente sobre as posições, os fundamentos a ser utilizados e para onde enviar a bola.



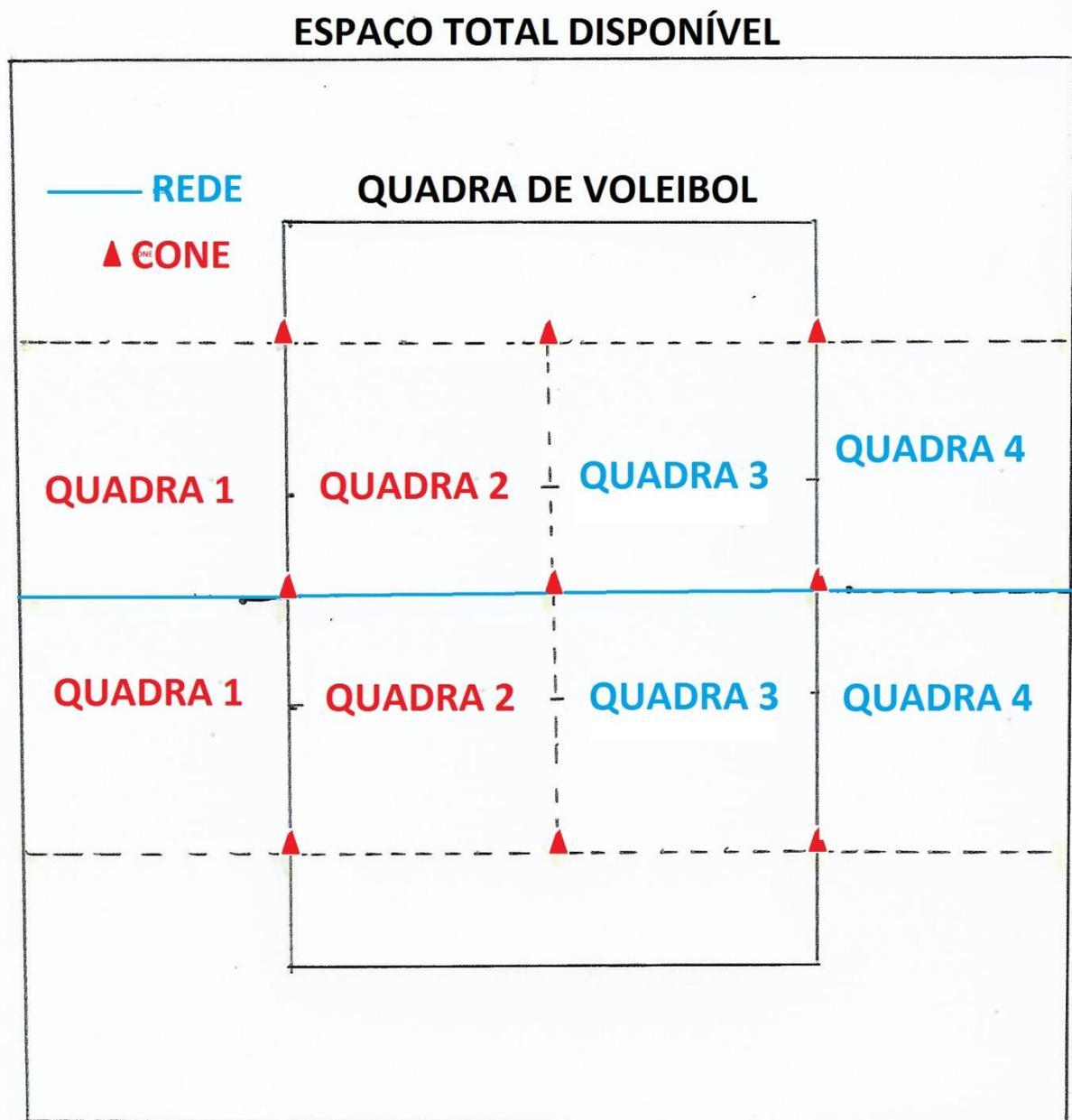
Acesse o vídeo sobre o minivoleibol:

<https://www.youtube.com/watch?v=JQWp9hz1J0E>



2.4 Minivoleibol – atividade 6

Para a intervenção, o professor precisa de 04 redes que podem ser fixadas a 2,10 metros de altura. Cada rede será dividida ao meio por uma antena e uma dica é fazer a demarcação do espaço da quadra com cones. Pode utilizar outra rede armada do lado de fora da quadra de voleibol, fixada no mastro e na tela de proteção da quadra, árvore ou muro. Pode-se usar uma dimensão de 6 x 4,5 (6 metros de comprimento e 4,5 de largura).



Esquema 1. Distribuição de mini quadras pelo espaço disponível.

Sabe-se que em muitas escolas públicas pelo Brasil a fora, não dispõem de rede de vôlei, o que não pode ser impedimento para a prática da modalidade. A rede pode ser construída com corda de varal de roupa ou usar a criatividade com outros materiais semelhantes, que dão a ideia de uma rede divisória.

Uma ideia é construir uma estrutura adaptada para a armação de uma quarta rede, utilizando 02 pneus de carro, e 02 ferros no formato cilíndrico, como os mastros de vôlei, conforme mostra a figura 12. O professor deve fixar os mastros no centro dos

pneus com cimento. A estrutura é móvel, podendo ser posicionada em qualquer lugar, rolando o pneu para onde julgar necessário. Essa estrutura pode ser posicionada em qualquer espaço para formar uma miniquadra, conforme mostra a figura 13. Caso não disponha de ferro, madeira poderá ser utilizada.



Fig. 12. Estrutura móvel (Arquivo do autor).



Fig. 13. Distribuição de estudantes em quadra.
(Arquivo do autor).

Se o professor conseguir organizar o espaço para 04 miniquadras de voleibol, 08 estudantes podem ocupar cada quadra. Isso possibilita 32 estudantes jogarem por vez, com poucos alunos ficando sem jogar, mas que podem estar envolvidos em outra atividade como contagem de pontos, como árbitros, etc.

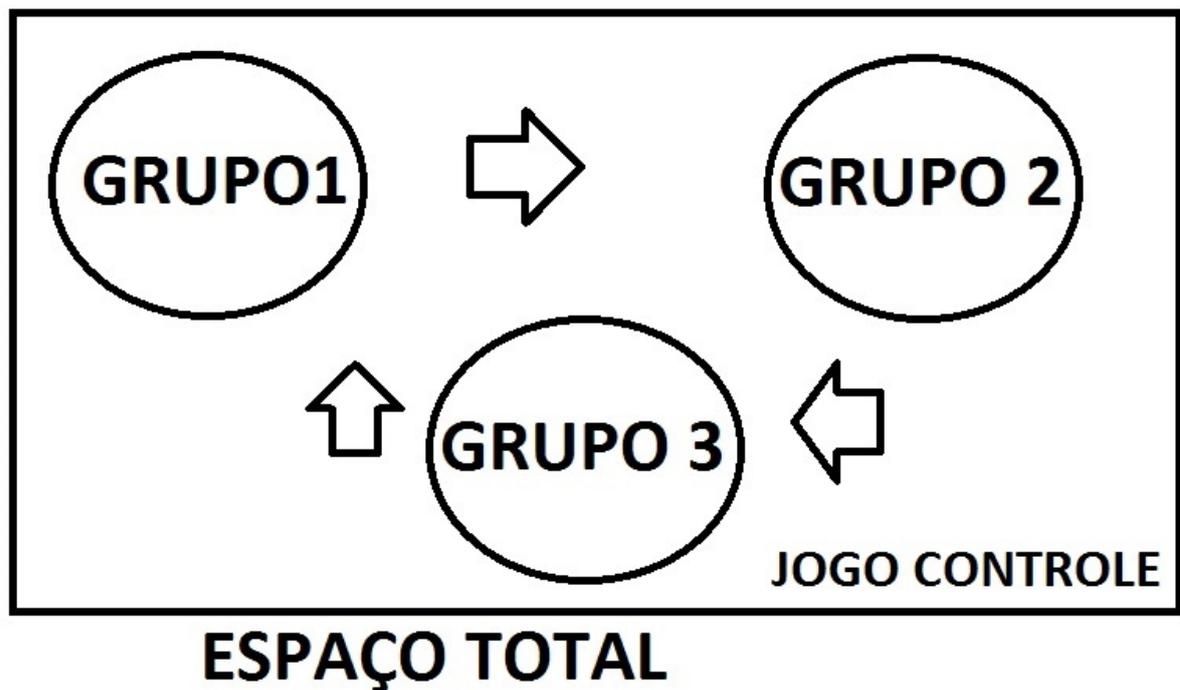
Novamente, as regras devem ser flexibilizadas, no sentido de estimular o sucesso dos alunos. Aqueles que já dominam os fundamentos “toque” e “recepção” podem utilizá-los normalmente. O saque deve ocorrer em uma distância menor, mais próximo da rede. O professor ainda não deve permitir a utilização da cortada, para que possa facilitar a recepção; a utilização do bloqueio pode ser permitida.

Conforme a prática vai acontecendo, os estudantes compreendem o formato do jogo, as posições básicas, funções de cada jogador, entre outras particularidades do voleibol.

2.5 Jogo “Controle” – atividade 7

Nesta atividade, os alunos são convidados a fazer um círculo único. Os estudantes devem demonstrar o movimento de manchete com os braços, permanecendo na posição até que o professor visualizasse os braços de todos e corrija os que estiverem errados. Repete-se o processo com o movimento de “toque”.

Em seguida, os estudantes são orientados a formarem três círculos e uma bola de voleibol deve ser entregue para cada grupo de alunos. A tarefa consiste em cada grupo realizar 15 movimentos de toque ou manchete sem deixar a bola cair, numa proposta cooperativa. Seu houver muita dificuldade, o professor pode permitir outro movimento, porém a contagem não será computada até que a correção dos movimentos seja realizada. Ao conseguirem completar a quantidade de movimentos propostos, um novo desafio deve ser lançado, passando-se a exigir 25 movimentos, 35, 45, e assim sucessivamente até o máximo que conseguirem. O professor também pode mudar os componentes para que o grupo chegue ao objetivo proposto. Então, um aluno considerado mais habilidoso pode ser retirado de um grupo e transferido para outro, a fim de auxiliar o grupo que não estiver conseguindo.



Esquema 2. Distribuição de grupos pelo espaço disponível.

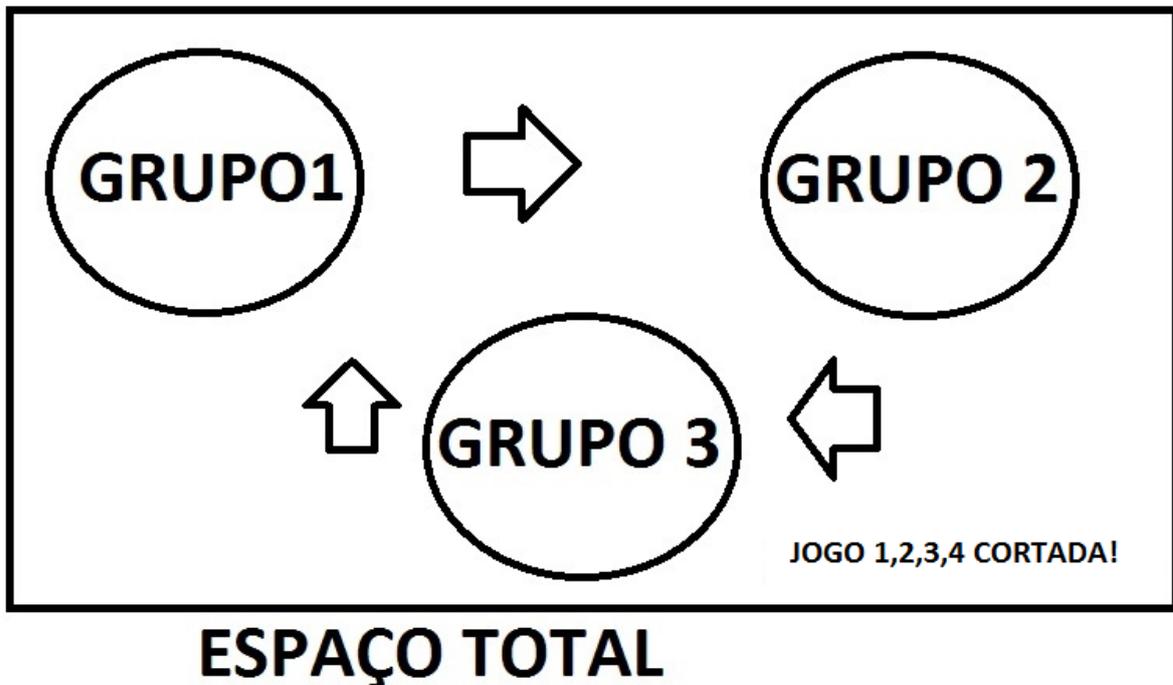
2.6 Jogo “1,2,3,4 cortada!” – atividade 8

Para executar esta atividade, o professor deve dividir a turma em 04 grupos mistos, onde cada equipe recebe uma bola de voleibol e formam círculos. Os estudantes precisam realizar quatro ações/movimentos que são comumente utilizados no voleibol, saque por baixo (1), manchete (2), levantamento (3) e cortada (4), sendo esta última lançada com objetivo de atingir o colega, a fim de fazer com que a bola toque nele e atinja o chão em seguida. Em algumas versões dessa atividade, a pessoa atingida deixa o grupo quando é atingido e fica de fora do jogo até que o jogo chegue ao final. Essa versão é muito ruim, pois o estudante fica parado do lado de fora sem participação alguma, saindo da proposta de uma aula dinâmica, inclusiva, otimizada para o máximo aproveitamento do tempo de movimento possível.

Mas na atividade que proponho, quando o aluno for atingido deverá trocar de grupo em sentido horário, a fim de uma integração com outros grupos e para que não fique de fora do jogo sem fazer nada.

O professor deve ficar atento porque alguns estudantes podem realizar ações motoras que no jogo de voleibol tradicional não são permitidas, sendo assim, ficam proibidas tais ações ou não é contabilizado o toque quando o movimento não for

característico do voleibol. Outro fato que deve ser observado pelo professor é o uso de força exagerada por alguns meninos, os quais devem ser orientados a diminuir a intensidade das ações para que não ocasionem lesões nos participantes.



Esquema 3. Distribuição de grupos pelo espaço disponível.

Esse uso exagerado da força é muito comum por parte de alguns meninos, principalmente, num cenário onde muitos ou todos vieram de escolas em que se separavam meninos e meninas, não dando espaço para atividades de coeducação.

Caso ocorra esse uso exagerado de força, será uma ótima oportunidade de paralisar o jogo e fazer reflexões sobre as diferenças biológicas entre meninos e meninas, sobre seguranças nas atividades esportivas, risco de lesões, entre outras possibilidades.

2.7 Voleibol reduzido Atividade 9

À medida que os alunos se desenvolvem, eles são direcionados ao jogo de voleibol reduzido, que consiste em jogar 4x4, em uma quadra maior que a do minivoleibol, porém menor que a quadra do voleibol tradicional.

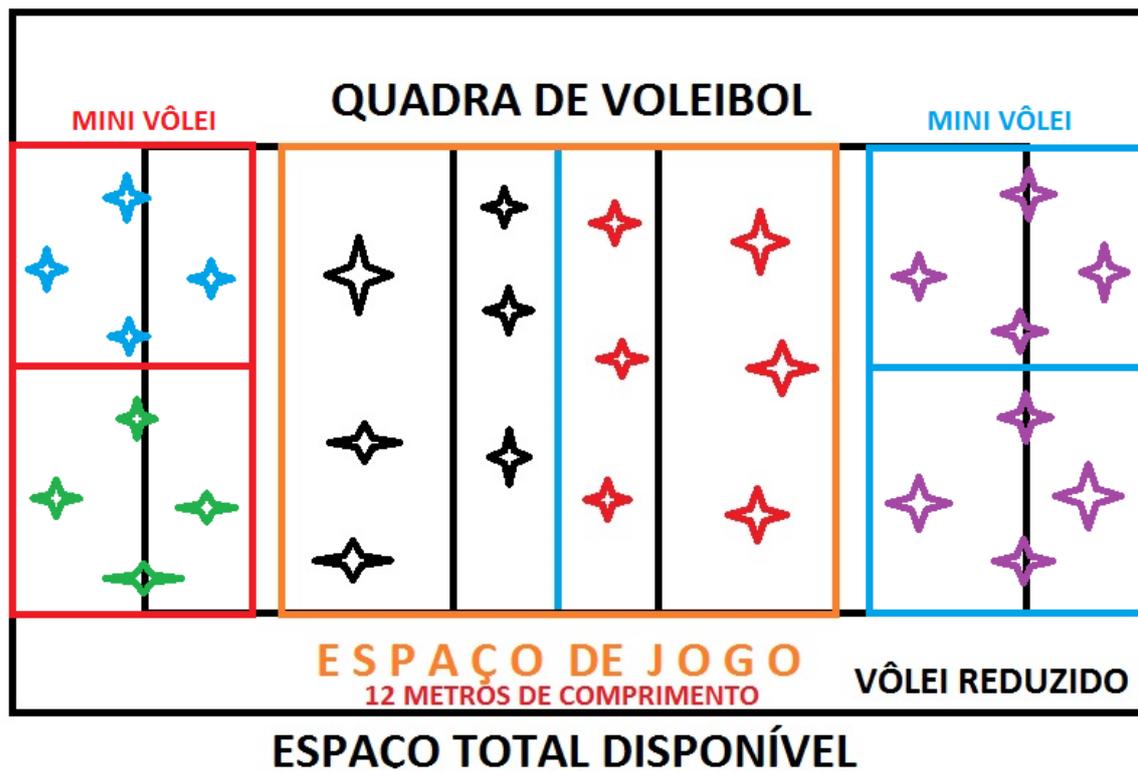
Para Mesquita (1998), a execução do "jogo reduzido", que seria a diminuição do espaço de jogo, como também o número de jogadores é uma ótima estratégia para trabalhar o voleibol na escola. Os "jogos reduzidos" poderão variar de 1x1, 2x2, 3x3, 4x4, possibilitando maiores contatos dos alunos com a bola, menores percursos desta, maior sequência das ações do jogo, mais interação entre os integrantes da equipe; propiciando como consequência o aumento da motivação e melhores condições para realização de gestos técnicos e ações coletivas.

Entende-se haver dois tipos de rendimento, um deles é o rendimento máximo, aquele que está vinculado ao alcance de índices, quebra de marcas e de recordes, o qual realmente não se encaixa no ambiente escolar, essencialmente no trato da dimensão procedimental, pois exige dos alunos a execução de movimentos com elevado nível de exigência.

Todavia, há também o rendimento ótimo, este pode estar presente totalmente nas aulas de Educação Física. Esse rendimento caracteriza-se pela busca da aprendizagem na maior qualidade possível, obviamente sendo específico para cada aluno. COSTA e NASCIMENTO (2004) também reforçam a busca pelo rendimento ótimo nas aulas de Educação Física escolar.

Para esta atividade, o professor conduz os estudantes para a quadra de voleibol tradicional, com as marcações reduzidas no comprimento. Ao invés dos tradicionais 18 metros de comprimento, a quadra é remarcada para 12 metros de comprimento, permanecendo a largura inalterada.

Ao redor da quadra de voleibol, as miniquadras permanecem montadas, com demais alunos participando. Ao se perceber um avanço nas habilidades e no entendimento do jogo, os alunos do minivoleibol são remanejados para a prática do voleibol reduzido.



Esquema 4. Distribuição de mini quadras pelo espaço disponível.

A rede fica fixada a aproximadamente 2,05 metros de altura, o que possibilita o aparecimento de ações como bloqueio e cortadas. Alguns movimentos de dois toques, condução ocorrem ocasionalmente, mas não é necessário paralisar o jogo, pois deve valorizar o *rally*.

Para estimular os alunos a não deixarem a bola cair, uma regra pode ser adicionada: se a bola cair no chão direto do saque sem tocar em ninguém, valerá dois pontos. Isso normalmente estimula e motiva os alunos a se movimentarem mais rápido para não permitirem que a bola caia sem ao menos ser tocada pela equipe.



Fig. 13. Diálogo com os alunos ao final da aula. Arquivo do autor.



Fig. 14. Alunos praticando. Arquivo do autor.

Refletindo sobre o porquê de se ensinar voleibol, entendemos que o conteúdo esporte deve ser trabalhado como um meio e não como um fim em si mesmo, conforme apontam Taffarel, Varjal, Castellani Filho, Escobar e Bracht (1992). São vastas as críticas sobre a utilização desse conteúdo com regras e normas relacionadas ao esporte desenvolvido em federações e confederações, tendo o objetivo direcionado para a aptidão física e a detecção de talentos.

Segundo Bracht (2000/2001), ao se referir sobre os conteúdos da Educação Física de forma pedagógica, a crítica à técnica esportiva não aponta para a sua retirada das aulas, mas enfatiza a sua vinculação a novos objetivos educacionais a partir da ressignificação do próprio esporte.

UNIDADE DE ENSINO III

Trabalho de campo



UNIDADE DE ENSINO III – Trabalho de Campo

2.8 O trabalho de campo desenvolvidos pelos estudantes

O professor deve solicitar aos estudantes que façam uma investigação (em grupo) sobre a prática de voleibol nos bairros da sua cidade para identificar lugares onde voleibol é praticado ou espaços públicos em que o voleibol possa ser praticado durante o tempo livre, no turno vespertino, ou fins de semana.

Devem registrar suas descobertas e levar para o colégio para, junto com o professor, analisarem se realmente é viável ou não a prática do voleibol nos lugares identificados. Tendo o aval do professor, os alunos podem se encontrar e praticar o esporte no lugar combinado.

Nesta atividade, os alunos vivenciam a prática do voleibol em seu bairro ou zona, por um período de 06 semanas, com duas sessões semanais, com duração de uma hora e quarenta minutos, fazendo relatório falado, por meio de áudio das atividades desenvolvidas. Devem sempre registrar as partidas com fotos e vídeos.



Fig. 15. Prática no clube APRATEF – Arquivo do autor

Na figura 15, vemos os estudantes praticando o voleibol em um clube da cidade. Fizeram as marcações na areia, dividiram as equipes. Após algum tempo, reuniram-se para praticar os fundamentos do voleibol, de maneira isolada, devido a dificuldade que estavam apresentando.



Fig. 14.1 Prática no clube APRATEF – Arquivo do autor



Fig. 14.2 Prática no Bairro Bela Vista – Arquivo do autor



Na figura 14.3, vemos os estudantes praticando voleibol na praça do bairro Bela Vista, onde na ocasião, alunos de três turmas diferentes estão reunidos em harmonia.



Fig. 16. Prática no bairro Monte Castelo – Arquivo do autor

Na figura 16, vemos as estudantes montando a rede em uma trave de um campo de futebol para praticarem voleibol. Uma baita criatividade dessas estudantes!



Fig. 16.1 Prática no bairro Monte Castelo – Arquivo do autor



Fig. 16.2 Prática no bairro Caminho do Mar – Arquivo do autor



Fig. 16.3 Prática no bairro Urbis – Arquivo do autor.



Fig. 17. Prática no bairro Bela Vista – Arquivo do autor.

Na figura 17, vemos os estudantes reunidos para a prática do voleibol no bairro Bela Vista, aproveitando a estrutura pública já montada.

Uma dica é o professor criar um grupo de mensagens, utilizando o aplicativo WhatsApp para facilitar a comunicação com os grupos de estudantes. Dois integrantes de cada grupo de alunos, os “alunos líderes” podem fazer parte, com a função de informar no grupo, dia, local, turma e horário da prática. Os demais participantes repassam as informações para seus colegas de sala.



Fig. 18. Prática na residência de um estudante – Arquivo do autor

Na figura 18, vemos estudantes reunidos praticando o voleibol no quintal de casa, onde improvisaram uma quadra de voleibol, utilizando a criatividade e o espaço que têm.



Fig. 18.1 Prática na residência de um estudante – Arquivo do autor



Fig. 18.2 Prática na residência de um estudante – Arquivo do autor

Casagrande e Campos (2014) ressaltam que não se pode pensar o ensino e o aprendizado apenas para futuros atletas, mas como um aprendizado eficiente para todas as crianças e jovens, pois a eficiência constitui o diferencial para a ampliação da motivação para o esporte de lazer e, conseqüentemente, para uma vida mais saudável.

No início, podem haver muitas dificuldades, pois grande parte dos estudantes tem outras atividades no turno vespertino, como curso, trabalho remunerado, dificuldade de transporte até o local das práticas. Uma ideia é flexibilizar os grupos para que os estudantes não se apeguem somente ao grupo previamente definido, mas busquem, entre as possibilidades, aquele local e horário que mais conveniente, inclusive aos sábados e domingos. Então, a integração entre os participantes dos grupos pode ser espetacular. É comum que os alunos de outras séries comecem a se misturar e jogar juntos, inclusive estudantes de outros colégios, se houver oportunidade.



Fig. 19. Prática no bairro Urbis- Arquivo do autor.



Fig. 19.1 Prática no bairro Urbis- Arquivo do autor.

Na figura 19, os estudantes estão reunidos na praça do bairro Urbis, praticando o voleibol.



Fig. 20 Grupos de alunos reunidos- Arquivo do autor.



Fig. 21 Grupos de alunos reunidos- Arquivo do autor.



Fig. 22 Grupos de alunos reunidos- Arquivo do autor.



Fig. 23 Grupos de alunos reunidos- Arquivo do autor.



Fig. 24 Grupos de alunos reunidos- Arquivo do autor.



Fig. 25 Grupo de alunos reunidos- Arquivo do autor.



Fig. 26 Grupo de alunos reunidos- Arquivo do autor.



Fig. 27 Grupo de alunos reunidos- Arquivo do autor.



Fig. 28 Grupo de alunos reunidos- Arquivo do autor.

O professor deve visitar periodicamente cada local de prática para o acompanhamento das atividades nos bairros, fazer registros das atividades e auxiliar na execução dos jogos, esclarecendo dúvidas que surgirem sobre o esporte.

A aprendizagem pode ser compreendida como a construção e modificação constante dos sistemas individuais de ação; a aprendizagem está ligada ao prolongado desenvolvimento e aumento da experiência de jogo, que exige a

apresentação de uma alternativa pedagógica, em que o jogo, na sua ideia básica, não seja alterado (GRECO,1998, p. 48).

No início foi muito difícil o processo de convencimento dos estudantes, que estavam habituados a fazer trabalhos e pesquisas apenas escrita, apresentar seminários em sala, fazer cartazes e aqueles modelos tradicionais que todos conhecemos. Porém, na medida em que os estudantes foram vendo que era um trabalho relevante para eles, para mim e para possíveis outros professores, eles aderiram à proposta. Eles observaram também que tudo estava bem planejado didaticamente para culminar na aprendizagem deles. Todo o passo a passo, desde a atividade de sondagem, assinatura dos termos, passando pela divisão dos grupos, distribuição gratuita de material didático como bolas e redes, aulas dinâmicas no colégio, flexibilização de horários para estudantes trabalhadores, entre outras ações. Tudo foi preparado cuidadosamente.

O fato de eu também fazer as visitas periódicas aos locais de prática contribuiu para a aceitação da proposta pelos estudantes. Eles perceberam que não estavam sozinhos, e estavam muito focados em realmente aprender o esporte.

3 SUGESTÕES

3.1 Sugestão de regras a serem abordadas

REGRAS RESUMIDAS DO VOLEIBOL DE QUADRA

APRESENTAÇÃO

A bola é colocada em jogo com um saque: o sacador golpeia a bola, enviando-a por sobre a rede para a quadra adversária. A bola continua em jogo até cair dentro da quadra, ir para fora ou uma das equipes participantes falhar no retorno da bola à equipe adversária. No voleibol a equipe que ganha o “*rally*” (trajetória da bola) conta um ponto (sistema de ponto por *rally*). Quando a equipe receptora ganha o *rally*, obtém um ponto e o direito de sacar. Seus jogadores, neste momento, mudam de posição na quadra, efetuando um movimento de rotação sempre no sentido dos ponteiros do relógio.

INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS

Dimensões

A quadra de jogo constitui um retângulo medindo 18m x 9m, circundada por uma zona livre com, no mínimo, 3m de largura em todos os lados que circundam o retângulo. Instalada verticalmente sobre a linha central da quadra, há uma rede cuja altura limite medida, no topo, é de 2,43 m para jogos masculinos e de 2,24 m para jogos femininos. Para armar a rede são necessários postes de suporte.

PARTICIPANTES

Composição da equipe

Uma equipe pode ser composta, no máximo, por 12 (doze) jogadores.

FORMATO DO JOGO

A equipe marca um ponto:

- Pelo sucesso ao fazer cair a bola no piso da quadra de jogo da equipe adversária;
- Quando a equipe adversária comete uma falta;
- Quando a equipe adversária recebe uma penalidade.
- Se a equipe que saca vence um *rally*, ganha um ponto e continua sacando.

Para ganhar um set

Um *set* (exceto o decisivo – 5º *set*) é vencido pela equipe que primeiro atingir 25 pontos, com uma vantagem mínima de dois pontos em relação à equipe adversária. Em caso de empate em 24 pontos, o jogo continua, até que dois pontos de vantagem sejam conquistados (26-24; 27-25.).

Para ganhar um jogo**A equipe vencedora é aquela que ganha três sets.**

No caso de ocorrer um empate de *sets* (2 x 2), o decisivo (5º *set*) será jogado com uma contagem de 15 pontos, vencendo a equipe que tiver uma vantagem mínima de dois pontos.

As posições dos jogadores são numeradas assim:

Os três jogadores que se encontram posicionados ao longo da rede formam a linha de ataque e ocupam as posições: 4 (ataque-esquerda), 3 (ataque-centro) e 2 (ataque-direita); os outros três jogadores são os jogadores de defesa e ocupam as posições: 5 (defesa-esquerda), 6 (defesa-centro) e 1 (defesa-direita). Depois do toque do saque, os jogadores podem se deslocar e ocupar qualquer posição na sua própria quadra e na zona livre. Quando a equipe receptora ganha o direito de sacar, seus jogadores efetuam uma rotação, avançando uma posição, sempre no sentido horário. O jogador na posição 2 vai para a 1, a fim de sacar; o jogador da posição 1 vai para a 6 e assim por diante.

Substituição dos jogadores

A substituição é um ato no qual um jogador, já registrado pelo apontador, ocupa a posição de outro que sai da quadra (exceto para o líbero). Uma substituição requer a autorização dos árbitros.

Limitações das substituições

Para cada equipe são permitidas, no máximo, 06 substituições em cada *set*. Um ou mais jogadores podem ser substituídos no mesmo momento.

Toques da equipe

Cada equipe tem o direito de tocar, no máximo, três vezes na bola (além do toque de bloqueio. Caso haja um número maior de toques, a equipe comete uma falta de “quatro toques”.

Contatos consecutivos

Um jogador não pode tocar na bola duas vezes consecutivamente

Características dos toques

A bola pode tocar qualquer parte do corpo dos jogadores.

Bola tocando a rede: quando cruza a rede, a bola pode tocá-la.

Bola na rede: uma bola dirigida de encontro à rede pode ser recuperada dentro dos limites dos três toques da equipe.

Jogador na rede: um bloqueador pode tocar na bola acima da rede, no espaço do oponente, na condição de que ele não interfira antes ou durante o toque de ataque da equipe adversária.

Ordem de saque

Os jogadores seguem a ordem registrada no formulário de saques.

Após o primeiro saque do *set*, o próximo jogador a sacar é determinado da seguinte maneira.

- Quando a equipe que realiza o saque vence o *rally*, o jogador (ou seu substituto) que sacou, saca novamente;
- Quando a equipe que recebeu o saque vence o *rally*, ganha o direito de sacar e, antes de fazê-lo, efetua um rodízio dos jogadores. O do ataque direito dirige-se à posição de defesa direita e executa o saque.

Execução do saque

A bola deve ser golpeada com uma das mãos ou com qualquer parte do braço após ser solta ou lançada ao ar com a(s) mão(s).

O saque deve ser realizado dentro de 8 (oito) segundos após o apito do árbitro autorizando.

Bloquear

Bloquear é a ação dos jogadores próximos à rede de interceptar a passagem da bola enviada pela equipe adversária, acima do bordo superior da rede. Somente aos jogadores de ataque é permitido realizar um bloqueio efetivo.

É proibido bloquear o saque da equipe adversária.

Intervalos

Todos os intervalos entre os *sets* devem durar 3 minutos.

Durante este período do intervalo as equipes trocam de lado na quadra de jogo e é feito o registro da ordem de saque das equipes na súmula.

O intervalo entre o segundo e o terceiro *sets* pode ser prolongado até 10 minutos pelo delegado do jogo, a pedido do organizador da competição.

Troca de lado de quadra

Após cada *set*, as equipes trocam de lado na quadra de jogo, exceto no 5º e decisivo *set*. No *set* decisivo, quando um time atinge 8 pontos, as equipes trocam de lado de quadra de jogo sem demora e as posições dos jogadores permanecem as mesmas.

O JOGADOR LÍBERO

Designação do líbero: cada equipe tem o direito de escolher entre os 12 jogadores um jogador defensivo especializado: o líbero.

O líbero usa um uniforme (ou jaleco para o seu substituto) cuja camisa, pelo menos, deve ser contrastante na cor com os demais jogadores da equipe. O uniforme do líbero pode ter um modelo diferente, porém deve estar numerado como o dos outros jogadores.

Ações envolvendo o líbero

O líbero está autorizado a trocar com qualquer jogador de defesa.

O líbero está restrito a jogar na defesa e não lhe é permitido completar um toque de ataque de qualquer lugar (incluindo a quadra de jogo e a zona livre) se, no momento deste contato, a bola estiver completamente acima do bordo superior da rede.

Ele não pode sacar, bloquear ou participar de uma tentativa de bloqueio.

Troca de jogadores: a troca envolvendo o líbero não é computada como substituição normal. Elas são ilimitadas.

CONDUTA DOS PARTICIPANTES

Os participantes devem aceitar as decisões dos árbitros com espírito esportivo, sem questioná-las. Em caso de dúvida, o esclarecimento pode ser solicitado, unicamente, pelo capitão no jogo. Os participantes devem evitar ações ou atitudes que possam influenciar as decisões dos árbitros, como também encobrir faltas cometidas por sua equipe.

Jogo limpo (fair-play)

Os participantes devem ter um comportamento respeitoso e cortês dentro do espírito esportivo do jogo limpo (*fair-play*) não só com os árbitros, mas em relação aos demais componentes da equipe de arbitragem, adversários, membros da equipe e espectadores. É permitida a comunicação entre os membros da equipe durante o jogo.

Condutas incorretas e suas sanções

Condutas incorretas realizadas por um membro da equipe em relação a oficiais, adversários, membros da equipe ou espectadores são classificadas em três categorias, de acordo com a gravidade da ofensa.

- Conduta rude: ação contrária a boas maneiras, princípios morais ou que expresse desrespeito.
- Conduta ofensiva: difamação ou insulto com palavras ou gestos.
- Agressão: ataque físico ou tentativa de agressão.
- Escala de sanções: de acordo com o julgamento do 1º árbitro e dependendo da gravidade da ofensa, as sanções a serem aplicadas e registradas na súmula são:

3.2 Sugestão de atividade escrita

Atividade de fixação

- 1) Quando foi criado e quem foi criador do voleibol?
- 2) Qual o tamanho de uma quadra de voleibol?
- 3) Quais as alturas da rede para homens e para mulheres?
- 4) No máximo, quantos jogadores podem compor uma equipe de voleibol?
- 5) Quais são as três maneiras de se marcar um ponto no jogo de voleibol?
- 6) Quantos pontos uma equipe de voleibol precisa fazer para vencer um *set*?
- 7) Quantos *sets* uma equipe de voleibol precisa vencer para ganhar um jogo?
- 8) Quais são as posições dos jogadores de voleibol?
- 9) O que é substituição? Quantas substituições podem ser realizadas em cada *set*, por cada equipe em um jogo de voleibol?
- 10) Quantos pontos uma equipe de voleibol precisa fazer para vencer o 5º *set* no jogo de voleibol?
- 11) Quantos toques são permitidos para cada equipe durante a posse de bola?
- 12) A bola pode tocar em quais partes do corpo do jogador de voleibol?
- 13) Enumere na quadra desenhada no caderno a ordem do saque, sendo quem saca primeiro até chegar no último sacador.
- 14) Quantos segundos um jogador tem para realizar o saque após o apito do árbitro?
- 15) Quantos minutos duram os intervalos de um *set* para o outro e o que acontece quando acaba um *set*?
- 16) O que o jogador líbero não pode fazer?
- 17) Quais os fundamentos do voleibol?
- 18) Desenhe no verso uma quadra de voleibol com suas linhas e os números das suas posições.
- 19) Quantos jogadores formam um time de voleibol, aqueles que entram para jogar.

3.3 Sugestão de atividade 2

01- Voleibol (chamado frequentemente no Brasil de vôlei) é um esporte praticado numa quadra dividida em duas partes por uma rede, possuindo duas equipes de seis jogadores em cada lado. O objetivo da modalidade é fazer passar a bola sobre a rede de modo que ela toque no chão dentro da quadra adversária, ao mesmo tempo em que se evita que os adversários consigam fazer o mesmo. Quem foi o criador do voleibol e em que ano este esporte foi criado?

02- As equipes são separadas por uma rede no meio da quadra. O jogo começa com um dos times que deve sacar. Logo depois do saque a bola deve ultrapassar a rede e seguir em direção ao campo do adversário, onde os jogadores tentam evitar que a bola entre no seu campo usando qualquer parte do corpo. Qual o tamanho de uma quadra de voleibol?

03- A quadra de voleibol é dividida no meio por uma rede colocada a uma altura variável, conforme o sexo e a categoria dos jogadores . Quais as alturas da rede para homens e para mulheres?

04- Existem basicamente duas formas de marcar pontos no voleibol. A primeira consiste em fazer a bola aterrissar sobre a quadra adversária como resultado de um ataque, de um bloqueio bem sucedido ou, mais raramente, de um saque que não foi corretamente recebido. A segunda ocorre quando o time adversário comete um erro ou uma falta. Quantos pontos uma equipe de voleibol precisa fazer para vencer um *set*?

05- Ao contrário de muitos esportes, tais como o futebol ou o basquetebol, o voleibol é jogado por pontos, e não por tempo. Cada partida é dividida em *sets*. Quantos *sets* uma equipe de voleibol precisa vencer para ganhar um jogo ?

06- Quais são as posições dos jogadores de voleibol?

07- O que é substituição? Quantas substituições podem ser realizadas em cada *set*, por cada equipe em um jogo de voleibol?

08- Quantos pontos uma equipe de voleibol precisa fazer para vencer o 5º *set* no jogo de voleibol?

09- O **saque** ou **serviço** marca o início de uma disputa de pontos no voleibol. Um jogador posiciona-se atrás da linha de fundo de sua quadra, estende o braço e acerta a bola, de forma a fazê-la atravessar o espaço aéreo acima da rede delimitado pelas

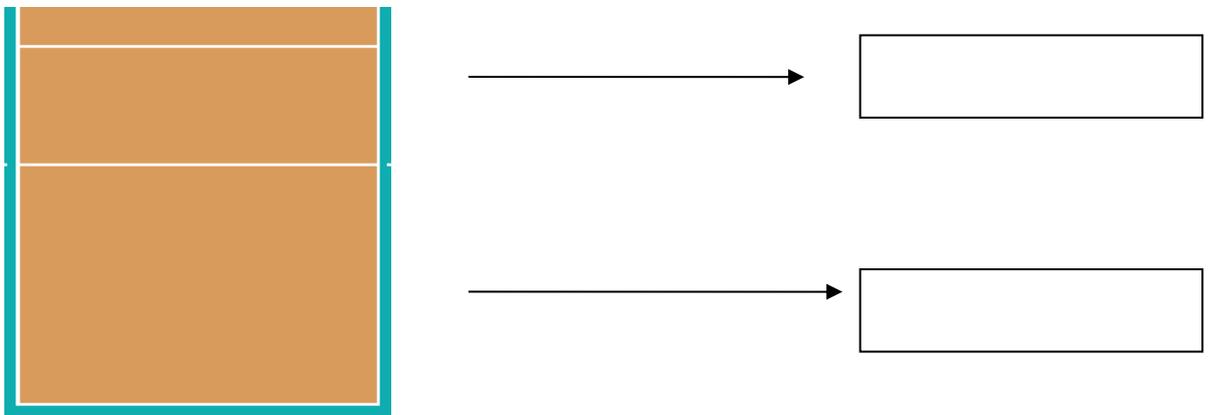
antenas e aterrissar na quadra adversária. Seu principal objetivo consiste em dificultar a recepção de seu oponente, controlando a aceleração e a trajetória da bola. Quantos segundos um jogador tem para realizar o saque após o apito do árbitro?

10- Quais as ações que o jogador líbero não pode fazer no jogo de voleibol?

11- Um time que deseja competir em nível internacional precisa dominar um conjunto de cinco habilidades básicas, denominadas usualmente sob a rubrica "fundamentos". Quais os fundamentos do voleibol apresentados nas figuras abaixo?

a)  b)  c)  d) 

12- A quadra de voleibol é dividida taticamente em 6 posições, observando a figura abaixo, coloque os números de 1 a 6 nos lugares corretos. Em seguida coloque os nomes das duas zonas correspondentes às setas.



3.4 Sugestão de atividade 3

1) Cada esporte possui um número exato de jogadores que podem participar por vez. No futsal, por exemplo, são 5 jogadores por time, sendo 5 em cada lado da quadra. Quantos jogadores participam, jogando uma partida oficial de voleibol de quadra?

- a) 5 jogadores, sendo 5 em cada lado da quadra.
- b) 10 jogadores, sendo 5 em cada lado da quadra.
- c) 12 jogadores, sendo 6 em cada lado da quadra.
- d) 14 jogadores, sendo 7 em cada lado da quadra.
- e) Nenhuma das alternativas anteriores.

2) Os esportes possuem habilidades específicas que compõem. Essas habilidades são aprendidas e desenvolvidas com a prática. No futebol, por exemplo, temos o chute, o drible, o passe, entre outras. Pensando assim, qual o fundamento que dá início à partida de voleibol?

- a) Saque
- b) Bloqueio
- c) Levantamento
- d) Manchete
- e) Nenhuma das alternativas anteriores.

3) Dentre os fundamentos do voleibol, o bloqueio é o ato de interceptar a bola golpeada por um adversário que acabou de realizar o fundamento cortada. Quais os tipos de bloqueio do voleibol de quadra?

- a) Bloqueio da defesa, duplo e triplo
- b) Bloqueio do ataque, duplo e triplo
- c) Bloqueio simples, duplo e triplo
- d) Bloqueio do levantador, do ataque e da defesa
- e) Nenhuma das alternativas anteriores.

4) Sobre o saque, marque a alternativa correta:

- a) após o primeiro árbitro apitar autorizando o saque, o sacador tem até oito segundos para golpear a bola.
- b) após o técnico autorizar o saque, o sacador tem até oito segundos para golpear a bola.
- c) após o primeiro árbitro apitar autorizando o saque, o sacador tem até quatro segundos para golpear a bola.
- d) após o capitão da equipe apitar e autorizar o saque, o sacador tem até oito segundos para golpear a bola.
- e) Nenhuma das alternativas anteriores.

5) Marque V se for verdadeira e F se for falsa. Logo após, marque a opção correta.

() O 5º set é disputado em 15 pontos, com vantagem de no mínimo dois pontos do adversário.

() São posições dos jogadores de voleibol: líbero, oposto, ponteiro, levantador e central.

() Cada equipe pode fazer até 03 substituições em cada set.

() Cada equipe pode tocar na bola no máximo duas vezes por vez, devendo passar a bola para o campo adversário após isso.

- A) V,F,V,F B) F,V,V,F C) V,V,F,F D)F,F,V,V E) F,F,F,V

6) Sobre o jogador líbero marque a opção correta:

- a) O jogador líbero é especialista em atacar.
- b) O jogador líbero é especialista em bloquear.
- c) O jogador líbero não pode atacar nem bloquear.
- d) A substituição do jogador líbero conta como uma das 06 substituições possíveis.
- e) Nenhuma das alternativas anteriores.

7) O jogo de voleibol é disputado em *sets*, tendo como um limite de 05 *sets*. Sobre os *sets*, marque a opção incorreta:

- a) A equipe vencedora é aquela que vencer 03 *sets*.
- b) Nos 04 primeiros *sets* a equipe precisa fazer no mínimo 25 pontos para vencer, e precisa de uma vantagem de no mínimo 02 pontos sobre o adversário.
- c) O quinto *set* é disputado em 21 pontos.
- d) O intervalo entre os *sets* duram 03 minutos.
- e) Cada *set* tem um tempo limite de 20 minutos cronometrados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. B. de. **Basquetebol: iniciação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

AZEVEDO JUNIOR, M. R.; ARAÚJO, C. L. P; PEREIRA, F. M.; **Atividades físicas e esportivas na adolescência**: mudanças de preferências ao longo das últimas décadas. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.20, n.1, p.51-58, jan./mar. 2006.

BAACKE, H. Mini volleyball. In: **CONFEDERAÇÃO Brasileira de Voleibol**. Manual do Treinador. Brasília: Secretaria de Educação Física e Desportos; Subsecretaria de Desportos, 1972.

BARROSO, A.L.R. & DARIDO, S.C. **Voleibol escolar**: uma proposta de ensino nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.2, p.179-94, abr./jun. 2010.

Voleibol Escolar : Estudo de Propostas Metodológicas.

Disponível em : <http://cev.org.br/biblioteca/o-voleibol-escola-estudo-propostas-metodologicas/> acesso em 28/03/2020

BETTI, I. C. R; **Esporte na Escola**: mas é só isso professor ? Motriz – Volume 1, Número 1, 25 -31, junho/1999

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. **Educação Física Escolar**: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v.1, n.1, p. 73–81, junho, 2002.

BORGES, R. MACHADO [et al.].**Diálogos sobre o ensino dos esportes**: formação continuada por meio da pesquisa-ação. Movimento, Porto Alegre, v.23, n.3,p.1025-1038,jul/set. de 2017.

BORGES, S. L.; **Metodologias de Ensino dos Esportes Coletivos na Iniciação Esportiva Escolar em Atividades Extracurriculares**. Vitrine Prod. Acad., Curitiba, v.3, n.1, p.183-192, jan./jun. 2015.

BRACHT, V.[et al.]. **Pesquisa em ação**: educação física na escola. Ijuí: Ed.Unijuí, 2003. 128 p.

BRACHT, V; GONZÁLEZ, F. J.; **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012. 126p.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Parâmetros Curriculares Nacionais:Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____**Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Ensino Médio. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – Área Linguagens e Códigos. Brasília,1999.

CASAGRANDE C. G; CAMPOS L. A. SILVA. **Esportes Coletivos**: análise na utilização dos métodos de ensino e treinamento no contexto da prática da educação física. Coleção Pesquisa em Educação Física - Vol. 13, n. 1, 2014.

CLAZER, P. C. S.; GUAITA, N. R. **O voleibol nas aulas de educação física**: um estudo para o Programa de desenvolvimento educacional – PDE. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1123-4.pdf>. Acesso em: 05 de março de 2020

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COUTINHO, N. F; SILVA, S. A. P. dos S.; **Conhecimento e Aplicação de Métodos de Ensino para os Jogos Esportivos Coletivos na Formação Profissional em Educação Física**. Rev. Movimento Porto Alegre, v. 15, n. 01, p. 123-150 janeiro/março de 2009.

DAOLIO, J. **Jogos Esportivos Coletivos**: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. Rev. Bras. Ciên. e Mov. Brasília v. 10, n. 4, p. 99-104, out. 2002.

DARIDO, S. C.; RUFINO, L. G. B.; **Pedagogia do esporte e das lutas**: em busca de aproximações. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.2, p.283-300, abr./jun. 2012.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A.; **Educação Física na Escola**: implicações para a prática pedagógica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

_____ **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FARTO, E. R.; LA ROSA, A.F. De; **Treinamento Desportivo: Do Ortodoxo ao Contemporâneo.** São Paulo : Phorte, 2007.

FREIRE, J. .B. **Pensando a educação motora.** São Paulo, Campinas: Papyrus, 1995.

GALATTI, L.; SCAGLIA, J.A.; PAES, R.R. **Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.20, n.5, p.171, 2006.

GALATTI, L. R et al; **Pedagogia do Esporte: Tensão na Ciência e o Ensino dos Jogos Esportivos Coletivos.** Rev. Educ. Fís/UEM, v. 25, n. 1, p. 153-162, 1. trim. 2014.

GIL, A. CARLOS. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINCIENE, G; IMPOLCETTO, F M; **Primeiras aproximações para uma proposta de ensino dos jogos de rede/parede: reflexões sobre o tênis de campo e o voleibol** Revista brasileira Ciência e Movimento 2019;27(2):121-132.

GONZÁLES, F,J; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos.** Núcleo de Educação Aberta e a Distância, Vitória: UFES, 2012. 126 p.

GRAÇA, A. **Os comos e os quando no ensino dos jogos.** In A. Graça e J. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos* (pp. 27-34). Centro de estudos dos jogos desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto: (1994).

GRECO, J.P.; BRENDA, R. N.(Org.). **Iniciação esportiva universal: 1. da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998.

GRECO, P.J. **Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos.** In: GARCIA, E.S; LEMOS, K.L.M. Temas atuais VI – Educação física e esportes. Cap. 3, p. 48-72. Belo Horizonte: Health, 2001.

IMPOLCETO FM, DARIDO SC. **O “Estado da Arte” do voleibol e do voleibol na escola.** R. bras. Ci. e Mov 2016;24(4):175-186. Disponível em

<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/5581/pdf> . Acessado em 3 de março de 2020

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

MAGILL, Richard A. **Aprendizagem Motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

MALDONADO, D. T.; SILVA, S. A. P. dos S; JÚNIOR, J.M.F; **Estratégias para Ensinar Esporte nas Aulas de Educação Física: Um estudo na cidade de Aparecida-SP**. Motrivivência, Florianópolis/SC, v. 29, n. 51, p. 28-46, julho/2017.

MESQUITA, I.; GRAÇA, J. PEREIRA, F. **O conteúdo substantivo da informação e as tarefas de treino no contexto do voleibol juvenil**. Revista de Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte. Vol. 4, n. 2, pp. 185-200.

MESQUITA, I. e Graça, A. (2002a). **A perspectiva construtivista da aprendizagem no ensino dos jogos desportivos**. *Cultura e contemporaneidade na educação física e desporto. E agora?* Coleção Prata da Casa (Edição especial), 133-139.

MESQUITA, I. **O ensino do voleibol**. Proposta metodológica. In: GRAÇA, A; OLIVEIRA, J. (Ed.). O ensino dos jogos desportivos. 3ª edição. Universidade do Porto, 1998. p. 153-199.

MULLER, A. J. **Voleibol: desenvolvimento de jogadores**. Florianópolis: Visual Books, 2009. 152 p.

OLIVEIRA, P. de S. **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

OLIVEIRA, Sávio Assis de. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica**. 2ed. Campinas, Sp: Autores Associados, Chancela Editorial CBCE, 2005 – (Coleção Educação Física e Esporte).

PAES, R. R. **Pedagogia do esporte: especialização esportiva precoce**. In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R. D. de S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 219-226.

PAES, R. R. **Educação Física Escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

_____**A pedagogia do Esporte e os Jogos Coletivos**. In: DE ROSE JÚNIOR, D. Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIRA, C. A. B. et al. **A pedagogia do ensino das modalidades esportivas coletivas e individuais**: um ensaio teórico. Conexões: revista da faculdade de educação física da unicamp, campinas, v. 13, n. 4, p. 137-154, out./dez. 2015. Issn: 1983-9030.

PEREIRA J; CASAROTTO J. V; ESPORTE E EDUCAÇÃO: **as contribuições pedagógicas do voleibol nos anos finais do ensino fundamental**. Revista da Saúde da AJES, Juína/MT, v. 4, n. 7, p. 15 – 31, Jan/Jun. 2018.

PRESTES, M. L. De M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**: do planejamento aos textos, da escola à academia. 4 ed. São Paulo: Rêspel, 2012. 312 p.

REVERDITO RS, Scaglia AJ. **Pedagogia do esporte**: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte 2009. 264p.

RUBIO, K. (org.) **Psicologia do Esporte**: interfaces, pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SCAGLIA, A.J.**O ensino dos jogos esportivos coletivos**: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. Porto Alegre: Movimento, v. 19, n. 04, p. 227-249, out/dez de 2013.

SCAGLIA, Alcides José. **Jogo**: um sistema complexo. In: FREIRE, J. B.; VENÂNCIO, S. O jogo dentro e fora da escola. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 37-

SCAGLIA, Alcides José *et al.* **A organização do processo de ensino em função da lógica do jogo e das competências essenciais para a aprendizagem dos jogos coletivos de invasão**. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Porto, v. 11, supl. 4, p. 89, 2011.

SCHMIDT, A. S.; WRISBERG. C. A. **Aprendizagem e performance motora**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 352.

SILVA, J. A. **A prática de voleibol na escola**: investigação sobre a relação ensino aprendizagem das habilidades básicas do voleibol. 54 f. 2014. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade de Brasília, Polo Duas Estradas-PB, Duas Estradas-PB, 2014.

SILVA, P. M. da; JUNIOR, M. R. de Azevedo; **Métodos de Ensino dos Esportes Coletivos Utilizados Durante o Estágio de 6º ao 9º ano**. Disponível em : <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/aces> ISSN: 2317-7136 Acessado em 27 de julho de 2019.

SULLIVAN, J. A.; ANDERSEN, S. J. **Cuidados com o jovem atleta**: enfoque interdisciplinar na iniciação e no treinamento esportivo. Barueri, SP: Ed. Manole – 2004.

TENROLLER, C.A. **Handebol**: Teoria e prática. 3 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

TESTA, R. G.; MISSAKA, I. R. da S. **Metodologia do Ensino do Voleibol**. Londrina: Editora e distribuidora Educacional S.A., 2016. 168 p.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa ação**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TUBINO, M. J. G. **Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI**. In: GEBARA, A.; MOREIRA, W. W. (Org.). Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2002. p. 125-139.

VENDITTI, R. Jr; SOUSA, M. A. **Tornando o “jogo possível”**: Reflexões Sobre A Pedagogia Do Esporte, Os Fundamentos Dos Jogos Desportivos Coletivos E A Aprendizagem Esportiva. PENSAR A PRÁTICA 11/1: 47-58, jan./jul. 2008.

VIEIRA, S.; FREITAS, A. **O que é vôlei**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. 108 p.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. São Paulo: Manole, 1999. 740 p., p. 515-35 / 552-62.